



Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

João Filipe Dutra Alves

EQUIPAMENTO MULTIUSO PARA LAZER:
Um estudo de projeto para a cidade de Juiz de Fora (MG)

Monografia apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I.

Orientador: Prof. Doutora Mariane Garcia Unanue

Juiz de Fora
Julho / 2017

Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio e incentivo, e aos meus amigos que me acompanharam nessa trajetória.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à Deus pela energia e oportunidade. Aos meus pais, Helena Maria Dutra Alves e Ernani Rodrigues Alves pelo apoio e incentivo diário, e à minha irmã Luiza Dutra Alves pelos conselhos e companheirismo. Sou grato também aos meus amigos e professores por estarem sempre presentes e fazerem dessa etapa de aprendizagem uma aventura cheia de riquezas e aventuras. À Raina de Castro Ferreira, em especial, meu muito obrigado pelas diversas correções, conselhos e amizades. E à minha professora orientadora Mariane Garcia Unanue, sem a qual este trabalho não seria possível.

A arte, quando é boa, é sempre entretenimento.
Brecht.

Resumo

O tema abordado neste trabalho foi desenvolvido na área de arquitetura e urbanismo, sendo seu principal objetivo a elaboração de um equipamento de lazer diurno e noturno na região central da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. O enfoque teórico se deu a partir de bibliografia de diversos estudiosos sobre a prática do lazer e de estudo dos elementos arquitetônicos e condicionantes de conforto acústico e luminotécnico, além da realização de estudos de caso de bares, restaurantes e casas noturnas. Ao final, concluiu-se a elaboração de um equipamento multiuso com funcionamento diurno e noturno que ofereça diversão, convivência e conforto, levando em conta as variáveis legais e físicas da região.

Palavras-chave

Lazer. Lazer noturno. Conforto arquitetônico. Bar. Restaurante. Boate. Diversão.

Lista de Figuras

Figura 1 - Microrregiões de Juiz de Fora e estabelecimentos de lazer noturno	15
Figura 2 - Localização Privilège	19
Figura 3 - Casa noturna Privilège	19
Figura 4 - Pirâmide do Louvre	20
Figura 5 - Planta baixa do térreo	21
Figura 6 - Planta baixa do primeiro pavimento	22
Figura 7 - Café da Mata	23
Figura 8 - Iluminação interna	24
Figura 9 - Pista de dança da Privilège	25
Figura 10 - Localização do Clube D-Edge.....	26
Figura 11 - Fachada principal do Clube D-Edge.	26
Figura 12 - Planta baixa do térreo.....	27
Figura 13 - Planta baixa do primeiro pavimento	27
Figura 14 – Vistas da pista de dança da Clube D-Edge.	28
Figura 15- Fachada do Clube D-Edge, atenção para a variação de cores.....	28
Figura 16 - Planta baixa do segundo pavimento	29
Figura 17 - Vistas do lounge.	29
Figura 18 – Planta baixa do terceiro pavimento	30
Figura 19 - Localização do Josefine Roxy Club	31
Figura 20 - Planta baixa do térreo.....	32
Figura 21 - Planta baixa do primeiro pavimento	32
Figura 22 - Bar e banheiros, atenção para os papéis de parede.....	33
Figura 23 - Detalhes hexagonais	33
Figura 24 - Fachada do Josefine Roxy Club	34
Figura 25 - Localização da casa noturna The Year Club.....	35
Figura 26 - Detalhe do teto.....	35

Figura 27 - Planta baixa do térreo.....	36
Figura 28 - planta baixa do primeiro pavimento	36
Figura 29-A e 29-B - Pista de dança principal	37
Figura 30 - Pista de dança Yard.....	37
Figura 31 - Localização do Restaurante SARAU	38
Figura 32 - Planta baixo do térreo.....	39
Figura 33 - Pé direito do bar	40
Figura 34 - Planta baixa do primeiro pavimento	40
Figura 35 – Planta baixa da cobertura	41
Figura 36 - Fachada do restaurante	42
Figura 37 - Localização do Restaurante Bossa.....	42
Figura 38 - Fachada do Restaurante Bossa	43
Figura 39 - Planta baixa do primeiro pavimento	44
Figura 40 - Planta baixa do segundo pavimento	44
Figura 41 - Interior do Restaurante Bossa.....	45
Figura 42 - Interior do estúdio de música	45
Figura 43 - Localização do restaurante Sargas.....	46
Figura 44-A e 44-B - Detalhe em marcenaria	47
Figura 45 - Planta baixa.....	48
Figura 46 - Mapa das rotas iniciais em Juiz de Fora	50
Figura 47 - Localização do terreno em Juiz de Fora	53
Figura 48 - Avenida Rio Branco, trecho próximo ao terreno, começo do século XX .	55
Figura 49 - Estabelecimentos e edifícios do entorno.....	56
Figura 50-A e 50-B - Mapa de gabaritos e usos do entorno, em destaque o terreno hachurado	57
Figura 51 - Dimensões do terreno	58
Figura 52 - Indicação dos ventos e visadas do terreno.....	59
Figura 53 - Insolação no terreno em momentos diversos.....	60
Figura 54 - Setorização.....	65

Figura 55- Fluxograma.....66

Lista de tabelas

Tabela 1 - Diretrizes de recuos	61
Tabela 2 - Modelos de ocupação	61

Sumário

Introdução	01
-------------------------	-----------

PARTE 1 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA

1. O Lazer.....	02
1.1 Lazer Noturno.....	05
1.1.1 Bares: Histórico	06
1.1.2 Casas Noturnas: Histórico	08
1.2 Conforto.....	10
1.2.1 Iluminação	10
1.2.2 Acústica	13
1.3 Lazer Noturno em Juiz de Fora.....	14

PARTE 2 – ESTUDOS DE REFERÊNCIAS

2. Análise de casas noturnas	18
2.1 Privilège.....	18
2.2 Clube D-Edge.....	25
2.3 Josefina Roxy Club	30
2.4 The Year.....	34
3. Análise de restaurantes e bares	38
3.1 Restaurante Sarau.....	38
3.2 Restaurante Bossa	42
3.3 Restaurante Sargas	46

PARTE 3 – CONDICIONANTES DO PROJETO

4. Terreno	49
4.1 Histórico de Juiz de Fora	49
4.2 Apresentação do terreno	52
4.3 Histórico do entorno.....	53
4.4 Análise do entorno e terreno	55

4.5 Condicionantes legais.....	60
5. Diretrizes do projeto	62
5.1 Concepção	62
5.2 Programa.....	63
5.3 Setorização	65
5.4 Fluxograma	65
Conclusão	67
Bibliografia.....	68
Anexos.....	72

Introdução

O presente trabalho acadêmico para a conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora tem como objetivo apresentar o anteprojeto de um equipamento de lazer na região central da cidade de Juiz de Fora além de analisar o tema e suas repercussões.

O lazer é uma atividade indispensável na vida de qualquer pessoa e possibilita a realização de ações prazerosas isentas de responsabilidades, ou dever, fornecendo bem-estar ao praticante. Alguns desses momentos ocorrem em estabelecimentos como teatros, cinemas, bares, restaurantes, casas de shows e boates, onde se desenvolve um intenso convívio social e se configuram como lazer noturno, prática cada vez mais presente em uma cidade com as dimensões de Juiz de Fora e com grande presença de jovens e adultos.

Assim, observando a ausência de um espaço multiuso na região central da cidade a finalidade final deste trabalho é a implantação de um equipamento de lazer e lazer noturno em uma das avenidas de maior movimento da cidade à fim de se oferecer aos usuários um espaço elaborado para agregar diferentes usos (bar, restaurante e boate) e que funcione durante um intervalo grande do dia. Para se alcançar este objetivo este trabalho foi dividido em três etapas:

Nas considerações sobre o tema buscou-se investigar as origens da prática de lazer e sua relação com o homem, o estudo de sua subdivisão: o lazer noturno; E de seus equipamentos: os bares e as boates, seus desenvolvimentos no Brasil, além de variáveis arquitetônicas, que podem ser vistas como índices de qualidade de um ambiente, como o conforto acústico e o lumínico. Em um segundo momento analisou-se estudos de referências na área que agregassem soluções, ideias inovadoras e econômicas que resultaram em estabelecimentos premiados e com alto índice de satisfação pelos clientes. Por fim, apresentou-se o terreno e seu entorno abordando suas características, suas condicionantes históricas e legais, bem como as diretrizes do projeto e as etapas iniciais de concepção e organização do espaço.

PARTE 1. Considerações sobre o tema

1. O Lazer

O lazer, atividade indispensável na vida de qualquer ser humano, é definido como a prática de atividades ausentes de obrigações profissionais e familiares, onde o indivíduo executa uma ação que lhe proporciona bem-estar e felicidade, ligada à atividade física como a prática de exercícios e esportes, ou a ações intelectuais.

É importante ressaltar a questão da individualidade com relação ao assunto, uma vez que para cada grupo de pessoas a ideia de lazer pode estar relacionada a atividades diversas e diferentes: Para um apreciador de carros, dirigir nos finais de semana pode representar um prazer, uma fuga às atividades cotidianas, por outro lado, para um motorista profissional, a prática da direção pode representar uma ação isenta de prazer, é um compromisso. Ou seja, a expectativa que se cria com relação a um comportamento após determinada atividade é o que a classifica como lazer ou não para o indivíduo que a pratica.

(...) todos nós temos ideia do que seja lazer; e de modo geral não só conhecemos o significado do termo mas também temos experiência própria dessa simpática condição ou situação. Quando, porém, precisamos defini-lo, conceituá-lo, como é o meu caso aqui, isso se torna mais complicado do que parece; e então não há como deixar de lembrar da referência do poeta às coisas "mais fáceis de sentir que de dizer. (LEITE, 1995, p. 12, apud IMBIAKPA, 2014, p.17)

Viagens, passeios pelas montanhas ou pela praia também são opções muito vistas como formas de lazer, o que alavanca a indústria de turismo, por exemplo. Para Maria de Fátima A. Sena (2007) pessoas na terceira idade preferem viagens para praias, estâncias hidrominerais com finalidades terapêuticas, áreas rurais, cidades culturais ou históricas, ou seja, programações com recompensas de tranquilidade e relaxamento, já os jovens, de acordo com Débora T. B. Carvalho (2009), buscam atividades mais intensas que envolvam aventuras, risco e emoção, como práticas de lazer mais comum.

(...) no vazio deixado pelas instituições primárias de socialização, novos espaços são vivenciados, interpretados e reconstruídos pelas novas

gerações que chegam ao processo social. Há muito, os espaços de lazer têm se tornado preferenciais entre jovens, em detrimento dos espaços tradicionais como a escola, o trabalho ou a família. (BARRAL, 2006, p.2)

Gilberto Luiz L. Barral (2006) afirma, a respeito dos grupos etários, que se observa entre os jovens a necessidade do entrosamento entre seus semelhantes para formação de sua personalidade, e reafirmação de valores, processo esse influenciado pelo contato com o outro, pela formação de grupos, que ocorrem principalmente no ambiente de lazer e descontração.

Para Luiz Otávio de Lima Camargo (1992) existem diversas subcategorias de lazer, sendo 3 delas de importância considerável para o nosso tema de pesquisa: 1) Atividades Artísticas de Lazer, que dizem respeito às buscas do imaginário, da criatividade, dos sonhos e englobam “as práticas de cultura erudita conceituadas como arte, tais como cinema, teatro, literatura, artes plásticas”(CAMARGO, 1992, p.23), e em demais atividades como as festas, em todas as suas tipologias, onde os indivíduos se encontram, paqueram e buscam expressar a melhor parte de suas personalidades. 2) As Atividades Físicas de Lazer, são onde as pessoas se movimentam, se exercitam e engloba um grande desejo de interação, de associação. 3) Atividades Associativas de Lazer onde, de acordo com o autor se exprime o interesse cultural focado nas as pessoas e entre elas. Nestas três categorias reconhecemos comportamentos comuns ao objeto que analisamos, bares e casas noturnas, uma vez que nestes ambientes os usuários buscam se encontrar, paquerar, conversar, dançar e se auto realizarem.

Apesar de todo indivíduo possuir tarefas obrigatórias a serem realizadas, sejam elas deveres domésticos, profissionais ou de criação dos filhos ou de si próprio, são nos momentos de folga que ele pode se dedicar a atividades relaxantes, que interessem a seu gosto e livre de pressões ou metas e, de acordo com Victor de Andrade Melo e Edmundo de D. Alves Júnior (2003), que gerem prazer. Ainda para os dois autores, “as atividades de lazer são *atividades culturais*, que podem ser efetuadas no *tempo livre* das obrigações e são buscadas tendo em vista o prazer que possibilitam” (MELO e ALVES JÚNIOR, 2003, p32). Esses momentos servem para impulsionar o homem a buscar e realizar novas tarefas, mesmo que se tratando de uma ação cotidiana, visto que o indivíduo é motivado inicialmente pela sensação de prazer e auto realização. Desta forma, certas obrigações fundamentais a um profissional podem ser realizadas em momentos de descontração. De acordo com Camargo (1992) ao se buscar o lazer

existe uma busca pelo prazer, mesmo que a atividade exija algum esforço para se alcançar esse relaxamento ou a sensação de se estar em forma.

Entretanto, para Joffre Dumazedier no seu livro “Lazer e cultura popular” (1976), o termo se fortaleceu na Europa somente durante o século XIX, principalmente sobre influência da revolução industrial surgida na Inglaterra e que se espalhava para outros países. Para Melo e Alves Júnior (2003, p.6) “se artificializou o tempo de não-trabalho, e foi nesse processo típico da modernidade que surgiu o que hoje definimos de lazer”. Barral, (2006), confirma essa postura uma vez que, para o autor, foi a partir de 1800 que o tema lazer despertou atenção, principalmente em relação ao tempo disponibilizado para tal prática juntamente a mais obrigações, envolvendo também uma análise sócio-cultural. Os trabalhadores, agora com extensa carga horária e muitas das vezes em precárias condições de trabalhos precisavam cada vez mais, e dispunham cada vez menos, de tempo livre para descansarem e cuidarem da família.

As diversões eram entendidas como perigosas e perniciosas já que, além de se oporem à lógica do trabalho árduo, eram uma forma de manutenção dos antigos estilos de vida(...). Sem falar que era nos momentos de lazer que os trabalhadores se reuniam, tomavam consciência de sua situação de opressão e entabulavam estratégias de luta e resistência. (MELO e ALVES JÚNIOR, 2003, p.8)

Observa-se assim três etapas no que diz respeito ao lazer por Camargo (2003): Primeiramente nega-se a questão, o lazer é visto como ócio. Posteriormente vê-se o assunto como benefício terapêutico, mas dentro de um sentido instrumental para se combater os demais problemas urbanos. E em um terceiro momento reconhece-se a importância do lazer, sua posição na sociedade, e surge então toda uma indústria do setor.

Alguns autores como Leoncio Reis e Fernando Cavichioli (2008) divergem dessa criação de um marco como nascimento de lazer, eles defendem que não se consegue encontrar um início absoluto para o surgimento de tal prática, pois seria inaceitável pensar em uma época da história onde o fenômeno surja como novidade, sem referência histórica alguma. Uma vez que não se pode estabelecer datas para processos sociais de longa duração, sendo seu início e fim de impossível compreensão, este é um fenômeno que não deve e nem pode ser analisado estaticamente, mas como um processo contínuo e de constantes modificações.

Já etimologicamente a palavra lazer vem do latim, “licere” e significa “ser lícito, ser permitido” (CUNHA, 1982, p.468), uma vez que só podemos aproveitar o tempo livre quando completamos nossas obrigações, quando temos permissão, seja para o lazer esportivo, gastronômico.

Para esta pesquisa focamos no lazer noturno, mais especificamente naquele proporcionado pelos bares e casas noturnas.

1.1 Lazer Noturno

O lazer noturno pode ser entendido como formas de recreação ou realizações de atividades que ocorrem a noite, seja em bares, restaurantes, boates, onde há o consumo de bebidas alcoólicas e comida em estabelecimentos com música e jogos de luzes. Mutáveis, ambientes como esses se tornam locais de intensas atividades associativas, físicas e artísticas. “E é com o intuito de estabelecer laços, reforçar vínculos de sociabilidade, vivenciarem amores, encontros e desencontros, contradições”, (PIRES, 2008, p.4), conhecer novas pessoas e se alimentarem, que os usuários buscam tais estabelecimentos.

A cultura da noite aparece como espaço de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmo e o mundo que os cerca. Todas as representações do poder do controle estão afastadas, menos vigilantes, estão dormindo. Introduce-se aqui o sentido de festa, quando, na cidade, os que têm o poder dormem e, sobre este adormecimento, se ergue o imaginário liberador e o começo da irrealidade que requer a festa. (PIRES, 2008; p 5)

O lazer noturno, principalmente, acaba tendo um papel social e sociológico importante criando um ambiente onde o indivíduo busca atenção, deseja ser notado, aceito, buscando a alegria, animação e felicidade. Além da música e da bebida estes espaços reservam práticas das mais variadas: conversas sobre políticas, reuniões de trabalho, discussões amorosas, ou seja, sobre o manto da noite desdobram-se vários cenários. Rituais de amor e ódio, compromisso e conflito, sempre buscando o prazer, como defende Norberto dos Santos e Claudete Moreira (2008).

A noite é tendencialmente um período em que o tempo livre associado ao lazer se sobrepõem ao tempo de emprego. Assim o tempo da noite dá lugar à libertação das rotinas que marcam os dias, à transgressão, à subversão das normas de comportamento, à busca do prazer, da emoção, da excitação. (SANTOS; MOREIRA; 2008, p.252)

A vida noturna e suas opções de entretenimento estão intimamente ligadas às boates, casas de shows e espetáculos, bares, restaurantes, sendo espaços geralmente com mesas, balcões, e pista de dança, frequentados por maiores de dezoito anos, em sua maioria jovens adultos e, em alguns há a oferta de um espaço de diversões mais familiares e para menores de idade. Seus usuários buscam um local de socialização e diversão que permitam a realização de encontros com amigos e colegas de trabalho onde, para Barral (2006, p.6) “o corpo e o ‘espírito’ podem ser, de outra natureza menos cerceados pelos códigos sociais”.

Os bares e o lazer noturno vêm desenvolvendo uma história no espaço público...principalmente a partir do século IX. As tabernas, primeiros bares da modernidade, inicialmente frequentadas por adultos, trabalhadores, marginais, prostitutas, artistas, comediantes, começam a ser vivenciadas e representadas por jovens estudantes, escritores, poetas, intelectuais, iniciando culturas jovens em torno da noite, do fumo da bebida, de drogas e outros imaginários soturnos. (PERROT, 1997, p.199 apud BARRAL, 2006, p.84)

Assim, para melhor compreensão das práticas de lazer noturno associadas aos estabelecimentos comerciais, é interessante observar o surgimento e desenvolvimento dos bares e casas noturnas ao longo do tempo, uma vez que foram palco de diversas culturas e inclusive de movimentos sociais.

1.1.1 Bares: Histórico

Na Babilônia já existiam os primeiros estabelecimentos similares aos bares de hoje em dia, citado inclusive no Código de Hamurabi, na lei 108º: “Se uma taberneira não aceita trigo por preço das bebidas a peso, mas toma dinheiro e o preço da bebida é menor do que o do trigo, deverá ser convencida disto e lançada nágua” (VIEIRA, 2011). As tavernas serviam de pousadas para os viajantes e ofereciam bebidas alcóolicas e comidas como complemento e abrigavam principalmente pessoas de classe inferior, como criminosos, marinheiros e trabalhadores operários.

Em seu processo evolutivo as tavernas, detentoras de pouco conforto e sem apelo visual ou estético acabaram caindo em desuso ou sendo substituídas pelos *pubs*

irlandeses, os cafés parisienses e as cervejarias alemãs como salienta Fernanda Calumby (2014). Mas foi com os americanos, que o conceito atual de um local criado para a venda e apreciação de bebidas e pratos mais simples, ganhou o mundo. Com a disseminação do *American way of life*, os bares passaram a despontar em vários países e a receberem uma atenção maior da arquitetura.

De acordo com Cunha no Dicionário Etimológico (1982, p.97), o verbete bar, significa “balcão ou local onde se servem bebidas do inglês *bar*, de origem francesa”. No Brasil, o significado de bar tem origem no verbete botequim, que consistia num local de vendas de bebidas e comida:

(...)a origem do botequim e de seus sinônimos passa por várias teorias. Das antigas boticas às casas de pastos, esse tipo de comércio surgiu provavelmente dos estabelecimentos que vendiam secos e molhados, uma espécie de armazém, onde o sujeito costumava comprar artigos alimentícios como bacalhau, salame, e parava para tomar um trago de aguardente, uma cerveja ou uma caneca de vinho barato. (MELLO, 1999, p. 25 apud SANTOS, 2005, p.6)

A palavra taverna também era comumente utilizada para designar este comércio, o que “sugere a multiplicidade de funções desses locais como a de servirem como locais de encontros e divertimentos” (ALGRANTI, 2011, p. 32). Entretanto, após a chegada da família real portuguesa em 1808 um maior número de escravos é direcionado para o Rio de Janeiro com a função de servir à família real, em virtude disso aumenta-se o número de pessoas que frequentava as tavernas e principalmente o consumo de aguardente, bebida barata e muito consumida naquele período. Sendo mais acessível para os indivíduos de classes inferiores, a bebida pode ser considerada a grande causadora do aumento de distúrbios e brigas nas tavernas, principal ponto de encontro dos mestiços e negros (ALGRANTI, 2001) o que perturbava a ordem pública e incomodava os moradores do Rio de Janeiro. Assim, “no imaginário da população da cidade, tabernas e taberneiros pareciam ser sinônimos de desordens, considerados uma ameaça à ordem pública” (ALGRANTI, 2011, p. 32). Por isso começaram a se popularizar os termos botequins, ou *botecas* (palavra de origem portuguesa) a fim de se nomear os novos estabelecimentos que surgiam. Para Algranti (2001), a pesquisa realizada pelo Almanaque da cidade do Rio de Janeiro em 1799 onde não consta nenhum botequim e diversas tabernas, e os dados presentes do Registros de Receitas da Intendência da Polícia, de 1808, com já trinta e cinco

botequins, mostram o surgimento dos novos locais, o que comprovaria a influência europeia na denominação deste tipo de estabelecimento.

1.1.2 Casas Noturnas: Histórico

As casas noturnas, um dos nossos objetos de interesse também são grandes atrativos da noite, principalmente entre os jovens, e se caracterizam por um local com uma ou várias pistas de dança, uma área para as atrações musicais, um bar, onde se serve principalmente bebidas alcoólicas e locais de descanso com sofás e poltronas.

De acordo com Bruno Piotto (2008) na década de 50 Elvis Presley surgiu com suas músicas animadas, coreografia inusitada e roupas coloridas. Com o *rock* criava-se uma sensação de liberdade para os jovens da época, jovens estes que, na década seguinte, criaram os “inferninhos”, locais enclausurados, escuros, com luzes fortes e coloridas, onde se reunia a geração que descobrira a pílula anti-concepcional, que ouvia os *Beatles*, que participara de Woodstock e lia sobre *Che Guevara*. Ou seja, motivados pelas grandes transformações sociais, políticas e econômicas da época toda uma geração se reunia para dançar, namorar e discutir os últimos acontecimentos do momento.

Mas foi na década seguinte que os poucos clubes sobreviventes das músicas não dançantes e pouco agitadas do final dos anos 60 voltaram a brilhar e na visão de Piotto (2008) a década de 70 ficou marcada pela quebra dos velhos paradigmas, onde se buscou a liberdade e a valorização do individualismo alimentando o desejo de uma sociedade livre, democrática e sem preconceitos. Ainda segundo o autor, foi com o lançamento do filme *Os embalos de sábado à noite (Saturday Night Ferver, 1977)* que as músicas do estilo disco, (fusão do *pop* tradicional, *salsa*, *black music*, funk, *soul* e *rock*), se tornaram uma febre e levou os jovens de volta às pistas de dança. Na mesma época, a novela brasileira de Gilberto Braga *Dancin’Days* (1978) transmitida para todo o Brasil espalhava a moda das roupas coloridas e vibrantes, das luzes frenéticas e das casas de dança agitadas e movimentadas.

Na década seguinte, com o surgimento do *new wave* e o fortalecimento do *rock and roll* a *disco music* foi perdendo forças e as casas de show perderam a homogeneidade musical, passando a oferecer cada um seu estilo próprio ou vários na mesma noite. Conhecidas como discoteca, o vocábulo teve origem na palavra *Discothèque* – nome

de um clube francês dedicado ao jazz – onde seus criadores buscaram criar uma identidade própria para o gênero. (PIOTTO, 2008).

Economicamente, a indústria do entretenimento obteve resultados invejáveis e para Melo e Alves Junior (2002) era uma das mais promissoras áreas econômicas da transição entre o século XX e XXI, tomando um impulso nos últimos anos do século XX e alcançando voos com o aperfeiçoamento dos meios de comunicação.

Nos anos 1990, encontramos no Brasil o delineamento, mais claro, de preocupações e iniciativas voltadas a organização de uma “indústria de lazer e entretenimento”, como já ocorrera em outros países.(...)o fortalecimento do Mercado cultural ligado às diversas manifestações artísticas, o aumento do poderio dos meios de comunicação e o rápido, embora desordenado, crescimento dos parques temáticos.(...)Estudos mostram que, no mundo, uma em cada dezesseis pessoas trabalha em atividades associadas a lazer e entretenimento, em um mercado que gera cerca de 212 milhões de empregos. (MELO e JÚNIOR, 2002, p.18-19)

Para a Magnami (2005) ir à uma casa noturna hoje é mais importante do que aproveitar do serviço oferecido pelo estabelecimento, se mostrar é a razão do frequentador, seja na rua ou na fila do ingresso (e esta, quanto maior melhor, sinal de casa cheia). Para a autora, a rua se tornou o novo espaço de sociabilidade, onde é possível começar a paquera, e ver se a casa está “bombando”. Maria Gimenes (2004) reafirma esse desejo pela visibilidade uma vez que frequentar bares e casas noturnas se resume em estar entre pessoas desconhecidas, e não necessariamente estabelecer contato com elas, mas realizar uma atividade social.

As casas apresentam uma espécie de estabilidade efêmera, abrem e fecham num ritmo que lembra sazonalidade ou obsolescência programada: duram de dois a três anos ou então mudam de nome. No interior dos estabelecimentos, com ingresso e consumação caros, destacam-se alguns personagens especiais, como os promotores e também os convidados vip, que funcionam como garantia do “nível” da casa. A distinção começa pela roupa; nos sites e flyers, é comum a clara referência à proibição da entrada de pessoas com camiseta regata ou de time de futebol, chinelos, bonés, o que, nas conversas pela net e até em artigos na mídia, assume formas de clara estigmatização: a “baianada de chinelo”, o “povão”, os “poluidores do ambiente”, em contraposição aos “selecionados”, os “bem-nascidos” etc. (Magnami, 2005, p.187)

Em uma casa noturna o objetivo não é o consumo alcoólico ou de alimentos, mas, para Gimenes (2004), busca-se a atmosfera do local, a diversão, a sensação de relaxamento entre as pessoas. Sendo que os aspectos concretos como a decoração e o som fortalecem o humor e a intenção dos frequentadores na criação do clima do

ambiente e na alma da casa. O lazer noturno concretizado nesses espaços é uma forma de interação, de se inserir em um grupo, de ser aceito.

Ao contrário do que se via nas décadas de 70 e 80, onde as boates possuíam uma mesma linguagem visual, nas primeiras décadas do século XXI os estabelecimentos procuravam o máximo de diversificação em decoração, estilo e arquitetura, sempre buscando atrair um público árduo por novidades. Com a constante tarefa de se reinventarem, as casas noturnas precisam hoje agradar aos consumidores mais exigentes, diversificar as atrações buscando atrair um leque maior de frequentadores, criar espaços diversificados e investir bastante em publicidade para se manterem em funcionamento o maior tempo possível. Além de se preocuparem com o conforto dos usuários, buscado soluções criativas no que diz respeito ao tratamento lumínico e acústico do ambiente.

1.2 Conforto

Definimos conforto como uma série de variáveis que fazem parte do ambiente o tornando agradável e prazeroso na percepção do usuário e principalmente na sua experiência com o local. Para Aloísio Schmid (2005, p.14) “o conforto surge num esforço de se resgatar a arquitetura enquanto abrigo diante de outras intenções como a monumental, a produtiva ou a representativa”. Para desenvolvimento deste trabalho selecionamos duas variáveis, a iluminação interna e a acústica que influenciam no conforto do usuário e estão intimamente relacionadas com um edifício de uma casa noturna que faz uso de luzes e cores para destacar objetos, estimular os sentidos, além da presença da música e dos sons.

1.2.1 Iluminação

Desde o surgimento da civilização a luz estabeleceu um importante papel, sendo inicialmente advinda do fogo, ela oferecia calor e segurança aos primeiros homens e seu controle foi um fator decisivo para a sobrevivência em um ambiente hostil e perigoso. Com o surgimento das aldeias e posteriormente das cidades, várias técnicas foram utilizadas à fim de se obter um controle da iluminação, utilizando óleos e outros materiais inflamáveis até mesmo para iluminar as ruas a noite.

Com a invenção da eletricidade e o aperfeiçoamento da lâmpada elétrica no final do século XIX foi possível vencer a escuridão da noite sem mais precisar do fogo, e iluminar com maior segurança e conforto o interior das residências, as vias, e o interior de fábricas, o que representa um marco no desenvolvimento social e econômico (SCHREUDER, 2008).

Mas além de segurança a luz é vista em várias culturas e povos como sinônimo do bem, do sagrado, do místico, enquanto a escuridão, associada à noite, representa o mal, o sombrio, o desconhecido. Para algumas religiões uma mente iluminada tem o significado de conhecimento, poder, superioridade; Na literatura, a palavra esclarecimento vem da junção do prefixo *ex* e de *clarus*, em latim, que significa levar, trazer para fora, ou seja, revelar, tornar algo fácil de ser visto e entendido (CUNHA, 1982). Outro fator importante da luz está associado à saúde, a intrínseca relação da radiação solar com o bem-estar físico e psíquico (MASCARÓ, 1978).

Por meio da análise desses tópicos e da importância da luz ao longo da evolução humana, chegamos ao uso da iluminação artificial, que se torna cada vez mais moderna e contribui fortemente para o ambiente do entretenimento noturno, onde se busca criar uma atmosfera acolhedora, realçando objetos, texturas, e construindo jogos de sombra e luz que transformam a percepção do indivíduo. No projeto arquitetônico, e mais especificamente no ambiente noturno, Schmid (2005) alega que a escolha por baixos níveis de iluminação à noite em bares e restaurantes está ligada à maior imitação do ambiente natural de escuridão, onde apenas o entorno do local se tornará seguro e agradável. Procuramos ver o que é belo e somos afetados pela expressividade do visível e desdobra-se outra característica da visão: a beleza, uma vez que a iluminação das formas e vazios tem significado potencial estético. A luz difusa, por exemplo, ajuda a arredondar arestas, reduzir ofuscamento e oferece prazer sensual.

À medida que se aumenta a iluminação, também aumenta o nível de ruído, e ambos reduzirão o tempo que as pessoas ficam dentro de um bar...A pouca iluminação permitirá maior intimidade entre casais e, assim, aumentará o espaço disponível. (SOMMER, 1973, p.152)

A disposição das luzes, seu ritmo, intensidade e brilho contribuem com uma série de fatores em uma casa noturna: em um bar, ao destacar as bebidas e os alimentos chama-se a atenção para o produto; mesmo efeito ocorre na fachada; na pista de

dança maximiza-se a experiência sensorial do indivíduo; nas demais áreas da casa servem como sinalizadores de fluxo ou permitem maior ou menor interação.

Entretanto, a iluminação pode ser concebida e desenvolvida de modo a preservar, no que for possível, o caráter da noite. É ocasião de não enxergar as coisas todas, somente aquilo mais imediato. As pessoas se aproximam. A noite é por definição escura; e os ambientes internos são mais escuros ainda. (Schmid, 2005, p.302-303)

A temperatura da cor também causa forte impacto na percepção do espaço, sendo que quanto mais clara a tonalidade da luz mais alta sua temperatura, teríamos assim como exemplo a chama de uma vela (acolhedora, intimista), ideal para uma área mais tranquila, temos a luz do céu no oposto dessa amplitude (fria, desperta), com uma baixa temperatura.

No ambiente, a cor dos objetos, das paredes, e inclusive do feixe luminoso também é fator decisivo na intenção projetual, relacionada à emoção:

Todo o elemento de aproximação contribui para a comunicação, por exemplo, determinadas cores dão sensação de proximidade, e outras de distância... assim, poderíamos afirmar que o emprego das cores em determinadas superfícies é suficiente para dar determinada impressão de aproximação, mas que por sua vez, é influenciado pela iluminação e saturação. (SANTOS, 2000, p.4)

Para Schmid (2005) os tons escuros parecem mais pesados, e um teto escuro com paredes claras dão a impressão de estar mais baixo que o contrário, as cores claras e quentes parecem mais próximas, encolhem o espaço, tornando-o sufocante. Iluminadas, ou não, as cores do ambiente e dos objetos tem grande participação na formação da atmosfera do local transmitindo sensações, alongando ou diminuindo determinado cômodo, criando contraste e destaque ou uniformidade e tranquilidade. Para Santos (2000), é possível determinar as características ligadas à cada cor e sua influência no comportamento das pessoas. O vermelho transmite sensação de alegria às superfícies e também aumento de volume, peso e cor e, em excesso, pode ser opressiva e irritante. Já o verde está associado à calma e relaxamento, mas em excesso pode criar um ambiente monótono, assim como o azul, que apesar de ser vitalizante, refrescante, e conectado a uma sensação de distância e leveza, em exagero torna o espaço frio e vazio. A cor amarela, estimulante do sistema nervoso, provoca a sensação de calor, de luminosidade e de aumento de volume bem como o

laranja, mas em demasia torna-se irritante e quente. O branco também funciona como estimulante e expressivo, clareia e aumenta o ambiente, mas sua utilização em excesso força a visão, promove o cansaço e deixa o espaço frio. Por fim o preto, sóbrio e sério, que fisicamente cria a ilusão de aumento de calor e peso e diminuição de volume.

Além das cores e dos efeitos da iluminação, outro fator determinante para a qualidade em um ambiente e variável fundamental para um bom projeto de entretenimento noturno é o conforto acústico, ou seja, a preocupação com a propagação e absorção do som, criando ambientes agradáveis e que façam uso da sinestesia.

1.2.2 Acústica

O estudo da acústica tem seu início atrelado à antiguidade clássica e seus teatros, onde havia uma preocupação com a sonoridade do ambiente. Para Léa Souza (2012) os gregos obtiveram excelentes resultados aproveitando o formato em do terreno para a implantação da plateia e a forma semicircular da mesma, além de aproximar os expectadores dos atores. Já na Roma Antiga, observa-se uma evolução da edificação e a ausência de morros, são os arcos e escadas que sustentam o público ao redor do palco ou da arena. Posteriormente foram as igrejas medievais os grandes destaques acústicos, onde as basílicas com pés direito muito elevados, e superfícies lisas impressionavam pelo som interior, característica essa que se fortaleceu com as cúpulas bizantinas e com os arcos góticos.

Ainda nas palavras de Souza (2012) no Renascimento preocupa-se com o clássico, e os teatros voltam a se tornar objetos de admiração, mas agora construídos em ambientes fechados, significando um grande momento para a acústica arquitetônica. Entretanto somente por volta do século XX a ciência deu valor aos estudos pela acústica e seus problemas de reverberação, relacionando os materiais e sua capacidade de absorção de sons e demais princípios.

Em nossa pesquisa o conforto acústico é elemento fundamental para o projeto, uma vez que o controle dos ruídos e da propagação dos sons em um bar ou em uma pista de dança ditam o conforto e a satisfação dos usuários. Assim, existem duas principais preocupações: Atentar-se para criar um ambiente onde a música e o ruído criado internamente fiquem restritos à parte de dentro do edifício evitando perturbações e

interferências ao seu redor; E evitar que o contrário também aconteça, que sons e barulhos externos entrem no recinto.

Schmid (2005) defende que o som, além de causar um estímulo e despertar sensações, precisa estar coerente com a atividade a ser desenvolvida. A música ambiente em um café, por exemplo, não deve ser a atração principal, mas preencher o vazio entre as conversas dos clientes, ela deve ser uma melodia que se ouve, mas não se escuta.

O som pode ser condicionado de modo a não incomodar (comodidade) e ainda permitir a realização de uma atividade (adequação). Além disto, participa da maneira como identificamos, lembramos e julgamos os ambientes. (SCHMID, 2005, p.255)

Outra condicionante importante do conforto acústico é o cuidado que se dá as superfícies e objetos no ambiente, uma vez que materiais porosos e irregulares como a madeira, o carpete, o veludo, absorvem ruídos, enquanto outros, lisos, como o porcelanato contribuem com a reverberação e podem prejudicar a qualidade sonora do espaço, Schmid, (2005).

Para o presente trabalho é importante também analisar estes aspectos do lazer noturno e da presença dos bares e de casas noturnas na cidade de Juiz de Fora e compreender suas ligações com a cidade.

1.3 Lazer Noturno em Juiz de Fora

Juiz de Fora é um município mineiro de médio a grande porte, com população estimada em 559.636 pessoas pelo IBGE, localizado na macrorregião sudeste do estado é um pólo industrial e comercial. Possui no setor de serviço o grande gerador de receitas do seu produto interno bruto, principalmente na área da saúde e educação, e ocupa local de referência para os municípios vizinhos, do sul do estado e até mesmo para o Rio de Janeiro.

Com um índice de desenvolvimento humano (IDH) alto, a cidade oferece qualidade de vida com custo de vida razoável frente a outros municípios com as mesmas características, além de ocupar uma posição geográfica estratégica, mantendo proximidade com Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo.

De acordo com o senso de 2010 realizado pelo IBGE, Juiz de Fora possui grande parte de sua população entre 15 e 34 anos, jovens estes que muitas das vezes são atraídos pela grande oferta de colégios e faculdades do município, e por maior oferta de emprego.

A cidade é conhecida por sediar alguns eventos importantes no cenário regional e nacional, acontecimentos estes que vão desde festas de cunho sertanejo à temática LGBT, além de oferecer grandes shows de bandas nacionais e apresentações menores nos vários teatros da cidade. Juiz de Fora, possui número expressivos relacionados à cultura em geral, com vários grupos de orquestras, companhias teatrais, corais, bandas, grupos de dança, dentre outros.

Figura 1 - Microrregiões de Juiz de Fora e estabelecimentos de lazer noturno



Fonte: Do autor

Na cidade os estabelecimentos de entretenimento noturno, objeto da nossa pesquisa, se encontram em quase todos os bairros (ver figura 01), mas algumas regiões possuem um agrupamento mais expressivo: a região nordeste, com os bares do bairro Santa Terezinha e Manuel Honório; a região central: mais especificamente no São

Mateus, Bom Pastor e Alto dos Passos; a região sul: com a grande concentração de casas noturnas e espaços de festa na Avenida Deusdedith Salgado, Teixeiras.

Na região central também ficam algumas casas noturnas como o *Muzik*, *Clube 43*, e a *Trend*. No Alto dos Passos, nas proximidades da rua Morais e Castro observa-se o grande número de adolescentes e jovens em grupos no Shopping Alameda e pelas calçadas do entorno. Ainda na região, o bairro São Mateus, reduto de muitos universitários, sempre foi conhecido pelo número de bares, entretanto, nos últimos anos a região vem passando por um processo de requalificação, com a abertura de estabelecimentos mais sofisticados, com oferta de cervejas artesanais, lanches *gourmets* e uma estética preocupada com o espaço de lazer do cliente e com a gastronomia diferenciada.

Ainda no grupo dos universitários, na região do Morro da Glória, próximo a Universidade Salgado de Oliveira e ao Instituto Vianna Júnior também encontramos alguns bares que atendem majoritariamente os alunos dessas instituições e aos jovens residentes no entorno. Assim como ocorre no Bairro São Pedro, vizinho à Universidade Federal de Juiz de Fora, com bares frequentados principalmente por universitários.

Na Zona Norte, mesmo que em menor número, existem bares e locais de festas. Mas é na Avenida Deusdedith Salgado, no bairro Teixeiras, a caminho da saída para a BR-040, onde encontramos a maior concentração de casas noturnas de Juiz de Fora. Alguns motivos como a ausência de edifícios residenciais e a proximidade com o centro da cidade, cerca de vinte minutos de carro, explicariam o fenômeno.

Todavia, alguns problemas surgem com frequência em relação aos bares e casas noturnas e os moradores do entorno. Uma vez que nem sempre existe uma preocupação com o isolamento acústico, como explica a reportagem do Jornal Tribuna de Minas, publicada em 02 de maio de 2017, a respeito de uma casa noturna localizada no bairro Aeroporto em Juiz de Fora (MG), onde os vizinhos relataram constantes problemas com o som alto.

Outra reportagem do Jornal Tribuna de Minas, publicada em 05 de fevereiro de 2017, relata queixas de diversos moradores dos bairros Santa Terezinha, Bandeirantes, Benfica, Monte Castelo, Alto dos Passos e Jardim Glória junto à Secretaria de

Atividades Urbanas (SAU) com os barulhos do bares e o ruído dos frequentadores quando ocupam a calçada e ruas adjacentes ao estabelecimento.

A ausência de estabelecimentos com oferta de espaço interno suficiente para acomodar todos os clientes também é queixa constante, pois faz-se então uso indevido do espaço público com a presença de cadeiras, mesas e aglomerações. Em uma reportagem publicada no mesmo jornal eletrônico mineiro já citado, publicada no dia 07 de maio de 2017, encontra-se o número de cento e setenta e cinco documentos referentes à poluição sonora de janeiro a abril do mesmo ano, número considerado alto pela SAU. Observa-se a ausência de preocupação acústica dos estabelecimentos em geral, além da criação de um espaço agradável que acolha e suporte o número de frequentadores do bar ou da casa noturna, além de estudo do impacto na vizinhança, do local e de estacionamento, por exemplo.

Frente a este cenário é importante analisar projetos de referência, que buscam soluções de conforto acústico e lumínico, ofereçam espaços elaborados para seu devido uso, além de apresentarem versatilidade e novas tecnologias.

PARTE 2 – ESTUDOS DE REFERÊNCIAS

2. Análise de casas noturnas

Fundamental para a compreensão de um projeto de conforto ambiental, a análise arquitetônica nos permite observar as formas do edifício e sua adequação a propagação ou retenção do som, além dos muitos materiais utilizados para revestimento que possuam o mesmo propósito: melhorar a qualidade acústica no ambiente interno e evitar a perturbação das áreas de entorno. Além disso, a iluminação dos ambientes, a utilização de luzes na decoração, o mobiliário, os materiais de acabamento e o layout da planta contribuem fortemente para a construção da identidade do projeto. O pé-direito, capacidade do local, tamanho do espaço, e diversos outros fatores também influenciam diretamente no resultado final para o conforto dos frequentadores, o que resulta em uma exclusividade de cada projeto e o torna único. Logo, analisar projetos de referência nessa área se torna uma etapa importante para uma melhor aprendizagem do entrelaçamento destas variáveis e nas diversas soluções utilizadas pelos profissionais, mas sempre atento ao custo, eficiência e inovação.

2.1 Privilège

Localizada no número 1000 na estrada Engenheiro Gentil Forn (ver figura 2), bairro São Pedro, na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, a casa noturna Privilège se encontra na ligação entre a cidade baixa e alta, e desfruta da posição privilegiada cercada por condomínios de luxo, em meio a uma vasta área verde, expandido sua estrutura para o ar livre e tirando proveito da natureza exuberante.

Figura 2 - Localização Privilège



Fonte: Imagem do Google Earth, modificada. Acessado em junho de 2017

Com projeto assinado pelo arquiteto Rogério Mascarenhas Aguiar e inaugurada em 1999 teve como partido o aproveitamento do já existente casarão de cerca de um século e com 180m² que havia no local (ver figura 3), com estética muito semelhante às fábricas inglesas, com tijolinhos aparente. Conhecido como “Chalé dos ingleses” o edifício encontrava-se em total abandono e, para melhor aproveitamento, teve suas divisórias internas retiradas, à fim de se criar um grande vão livre.

Figura 3 - Casa noturna Privilège



Fonte: Disponível em: <<https://www.privilegebrasil.com/casa/juizdefora>>, acessado em junho de 2017

De acordo com o arquiteto, desde o início houve a preocupação em preservar o casarão, manter o tijolinho aparente, o telhado colonial, além das esquadrias e assim criar um contraste entre o antigo e o moderno. Pretendia-se evidenciar toda a singularidade da construção já existente, mantendo-a em destaque no centro dos novos anexos que se faziam necessários. Além disso, era necessário criar um ambiente moderno e futurístico ao nível das casas noturnas das grandes cidades, que atraísse um público cada vez mais exigente, de acordo com Rogério Mascarenhas Aguiar (2017, em entrevista concedida a João Filipe Dutra Alves).

Na edificação principal, onde se manteve apenas a volumetria original, criou-se dois ambientes, o térreo e o mezanino, com os bares e o lounge. De acordo com Cláudia Cavallo (2000), nas laterais do chalé foram erguidos dois anexos em aço e vidro (ver figura 4): a esquerda o *sushi* bar, os banheiros e a escada de acesso ao mezanino da casa principal; A direita, um cilíndrico elíptico, a pista de dança.

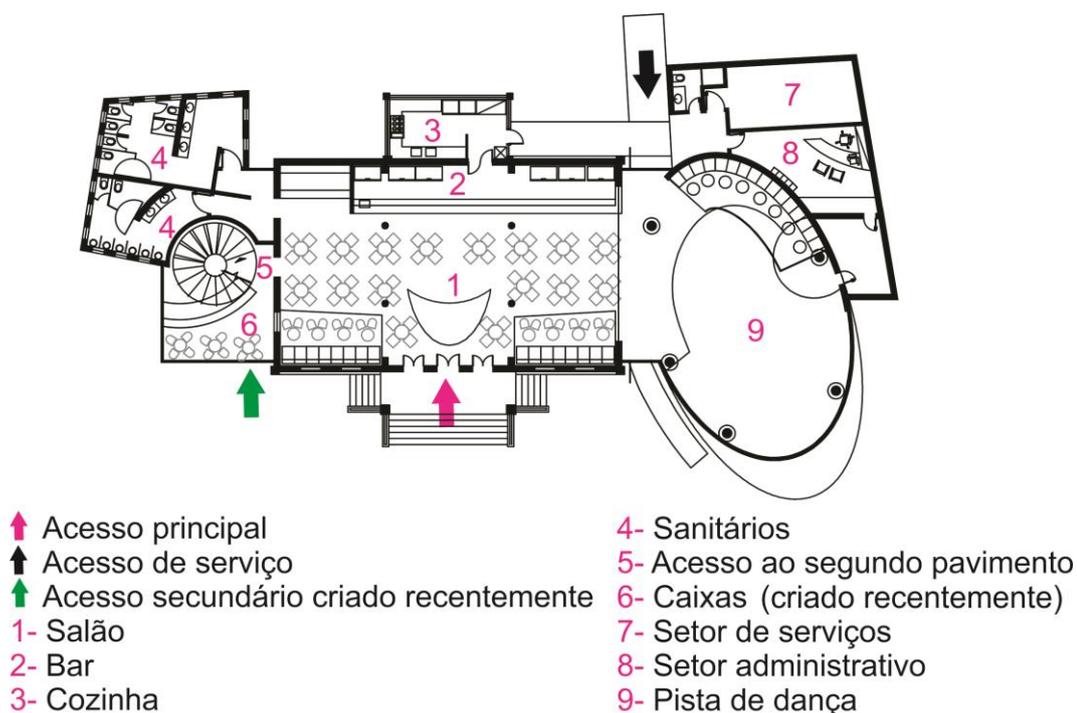
Figura 4 – O antigo chalé e os anexos de vidro, anos 2000



Fonte: Do arquiteto. Acessado em junho de 2017

A casa possui dois acessos (ver figura 5): O principal é realizado pela via Engenheiro Gentil Forn e, sob uma cobertura translúcida de policarbonato o usuário segue para a área de *check in* e *check out*, sendo esse o primeiro ambiente de recepção desconectado do volume principal, posteriormente o caminho para a pista de dança, externo, conduz o cliente ao casarão; O segundo acesso, de serviço, é realizado pelo estacionamento lateral ao conjunto, sendo utilizado pelos funcionários, e leva aos depósitos, vestiários, área de apoio e aos escritórios.

Figura 5 - Planta baixa do térreo



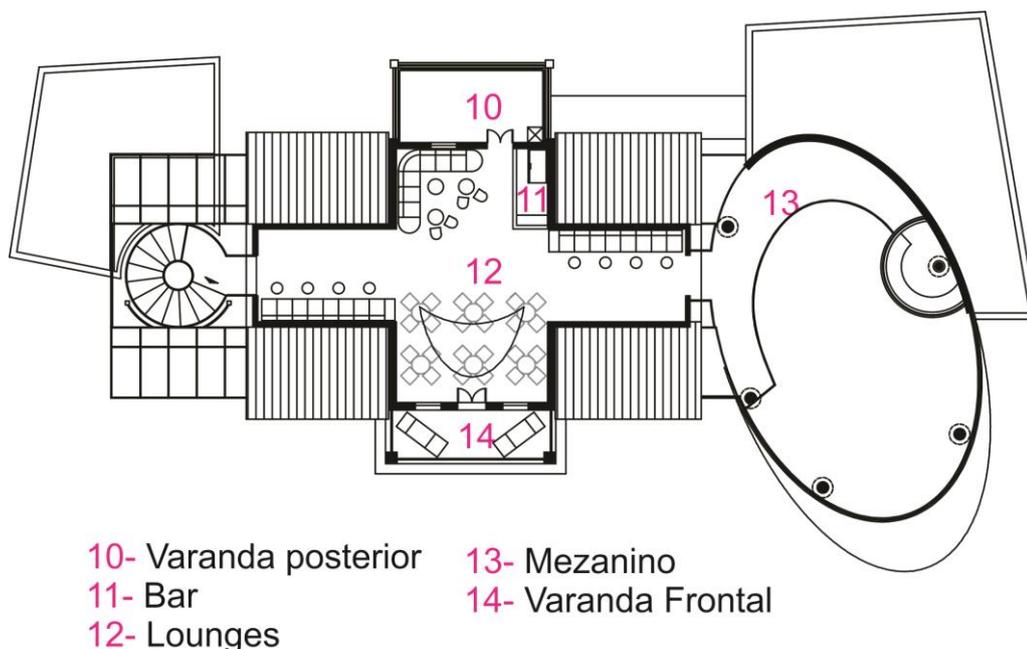
Fonte: Do arquiteto, modificada. Acessado em junho de 2017

O primeiro ambiente que recepciona os clientes, foi projetado originalmente para receber o sushi-bar, e hoje é um grande salão com o bar ao fundo, uma pequena copa, e algumas áreas de descanso. À direita, em vidro e na forma elíptica, encontra-se a pista de dança, camarotes e o palco do dj, além do acesso que conduz à área administrativa e de serviços. No lado oposto do casarão temos o segundo anexo de vidro com o acesso aos banheiros masculinos e femininos e a escada helicoidal conduzindo ao andar superior. Atualmente o sushi-bar foi substituído pelos caixas que se encontram abaixo da escada, próximos a um acesso secundário que conduz ao exterior da casa noturna.

O primeiro pavimento (ver figura 6) foi projetado originalmente como uma área exclusiva, *VIP*, pensada para acomodar clientes que buscassem mais conforto e privacidade.

Porém ao longo do tempo o espaço passou por algumas modificações: hoje, o bar (número 11, ver figura 6) foi deslocado para a varanda (número 10, ver figura 6), e o espaço possui sofás e poltronas próximos às paredes, bem como na varanda utilizada pelos fumantes; O pavimento também conta com um mezanino que permite a visualização da pista de dança no andar inferior.

Figura 6 - Planta baixa do primeiro pavimento



Fonte: Do arquiteto, modificada. Acessado em junho de 2017

Além do edifício principal alguns outros lounges e bares fazem parte do conjunto e se espalham pelo terreno, bem como o Café da Mata (ver figura 7), restaurante sofisticado que oferece conforto àqueles usuários que buscam um ambiente mais tranquilo. Possui capacidade para até 100 pessoas e recebe pequenas festas e eventos.

Figura 7 - Café da Mata

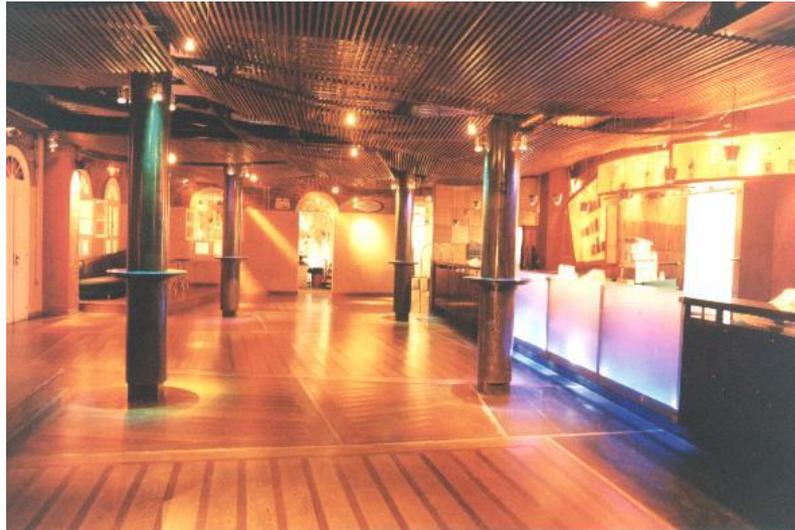


Disponível em: <<https://www.privilegebrasil.com/casa/juizdefora>>, acessado em junho de 2017

As obras foram realizadas em ritmo acelerado e em cinco meses a casa estava pronta para a inauguração. A etapa mais delicada, a restauração do chalé, consumiu a maior parte do tempo pois foi preciso refazer o madeiramento, mas manteve-se as telhas originais, buscando preservar o caráter histórico da edificação. Outros itens, como as esquadrias, os forros e vitrais precisaram ser refeitos cuidadosamente. Internamente o casarão estava bem desfigurado, relata Aguiar (2017), uma vez que sofreu várias intervenções ao longo do tempo e em busca de vãos maiores foi preciso acrescentar nova estrutura com o uso de pilares e vigas metálicas. Este tipo de recurso também foi utilizado na construção dos novos anexos, o que permitiu agilidade nas obras e leveza.

O projeto luminotécnico, assinado pela dupla Danny Pudny e Arlene Soares, que trabalharam também em outras casas noturnas como o El Turf (RJ), Multiplace Mais (ES) e Armazém F (Portugal), deveria, nas palavras de Cavallo (2000), retratar um ambiente camaleônico, ou seja, tornar a casa um local multiuso, com visual cambiável, mas sem perder a identidade (ver figura 8).

Figura 8 - Iluminação interna



Fonte: Do arquiteto. Acessado em junho de 2017

Para destacar os diversos ambientes (bar, restaurante, discoteca) ao mesmo tempo, o recurso utilizado deveria permitir uma transformação total do ambiente através de filtros de cor e projetores especiais, bem como um sistema de acionamento central de comandos, unidos a materiais neutros como a madeira natural, o tijolo aparente, e os perfis metálicos em preto fosco.

Outra grande preocupação frente ao projeto da Privilège foi o conforto acústico, uma vez que a casa noturna se encontrava inserido em uma região predominantemente residencial foi preciso pensar cuidadosamente no tratamento dos ambientes a fim de se evitar a propagação sonora para a vizinhança. Assim, de acordo com Adriana Felício (2000, apud WERNECK, 2005) a alvenaria é composta de paredes duplas, de tijolo de concreto, e o vão entre elas preenchido com areia. Nas partes envidraçadas utilizou-se vidros laminados de 6mm: recebendo duas camadas de vidro de 3mm e tendo em seu interior uma camada de butil (camada plástica absorvente).

Na pista de dança, a forma elíptica (ver figura 9) não é a mais aconselhável para um som de qualidade, já que duas parábolas em ângulo reto refletem as ondas sonoras, assim, a solução encontrada foi inclinar em aproximadamente sete graus os vidros para se evitar o ponto focal. Já o teto fez uso de espumas absorventes e em alguns locais as paredes receberam espuma acústica tipo Sonex.

Figura 9 - Pista de dança da Privilège



Disponível em: <<https://goo.gl/TAeTkQ>>, acessado em junho de 2017

A pista de dança conta com pé-direito duplo e optou-se por dispor as caixas de som suspensas por suporte em uma altura menor, o que configura um arranjo *Fly*.

O acesso para o bar é livre, ou seja, não existem obstáculos que possam evitar a propagação do som, então fez-se usos de painéis de gesso acartonado no teto, com inclinação de 45 graus para rebater o som que chega da pista de dança e direcioná-lo ao chão. Os banheiros também receberam tratamento acústico com o mesmo tipo de gesso e a posição das caixas de som no teto, próximos às canvas laterais, favorece uma distribuição igualitária da música pelo ambiente, de acordo com Felício (2000, apud WERNECK, 2005).

2.2 Clube D-Edge

Instalado na Barra Funda, São Paulo, capital, próximo ao memorial da América Latina (ver figura 10), o clube D-Edge está localizado na avenida Auro Soares de Moura Andrade. Inserido em uma região com cerca de quinze mil moradores e de uso misto, o bairro possui forte tradição cultural e ícones importantes para o paulistano como o estádio de futebol do Palmeiras, o Espaço das Américas, o Theatro São Pedro, e a instalações da Rede Record de Televisão, além de diversas faculdades e instituições de ensino.

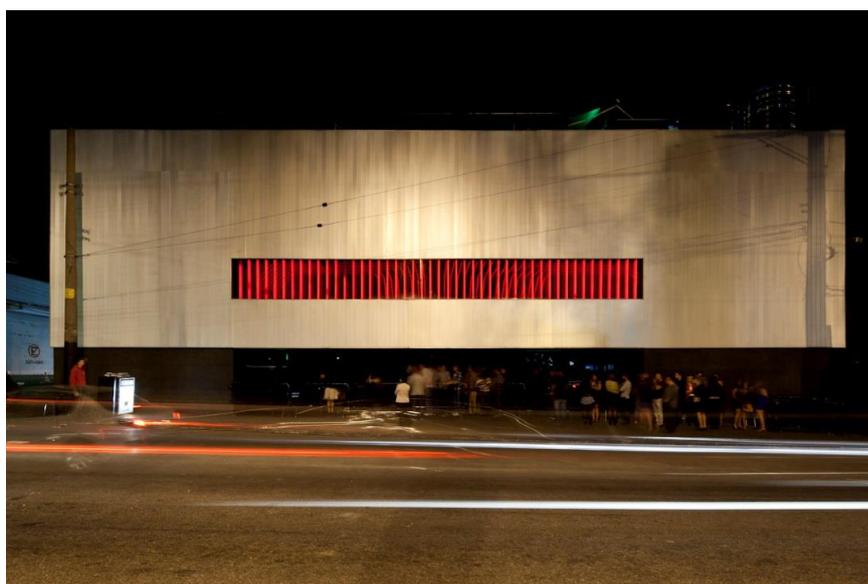
Figura 10 - Localização do Clube D-Edge.



Fonte: Imagem do Google Earth, modificada. Acessado em maio de 2017

De acordo com o arquiteto para o site www.archidaily.com.br, o projeto original, de 2003 e de autoria do escritório franco-brasileiro Triptyque, passou por um processo de reforma e ampliação no início de 2011 (ver figura 11) com o intuito de atender à um número maior de pessoas, assim, com a parceria dos arquitetos Muti Randolph, Marcelo Pontes, Zemel + Chalabi Arquitetos buscou-se a expansão do edifício para o terreno vizinho, que, comprido e estreito, levou-se a uma distribuição dos espaços em quatro pavimentos, num total de 600 m².

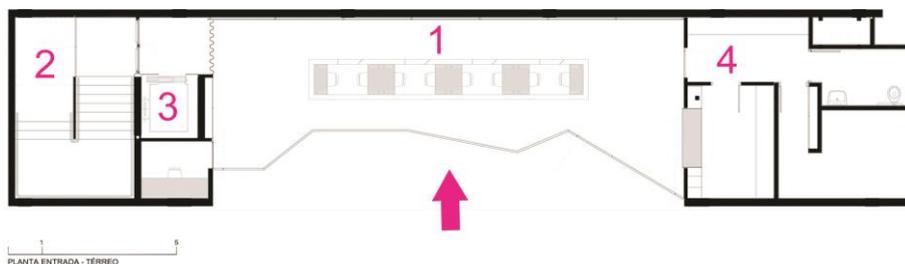
Figura 11 - Fachada principal do Clube D-Edge.



Fonte: Imagem de Máira Acaya. Disponível em: <<https://goo.gl/0741vZ>>, acessado em maio de 2017

Para se atingir uma capacidade máxima de lotação de 1000 pessoas mais 120 funcionários, o arquiteto Marcelo Pontes criou pés direitos variáveis e graças à estrutura em concreto armado conseguiu desenvolver vãos bem grandes. Os volumes, juntos à caixa original e o novo prédio são conectados pelo térreo e logo na entrada uma grande caixa de vidro recebe os clientes (ver figura 12), espaço esse em constante mudança de cor, devido à sua iluminação. O setor administrativo também se encontra no mesmo pavimento, à direita da entrada principal.

Figura 12 - Planta baixa do térreo

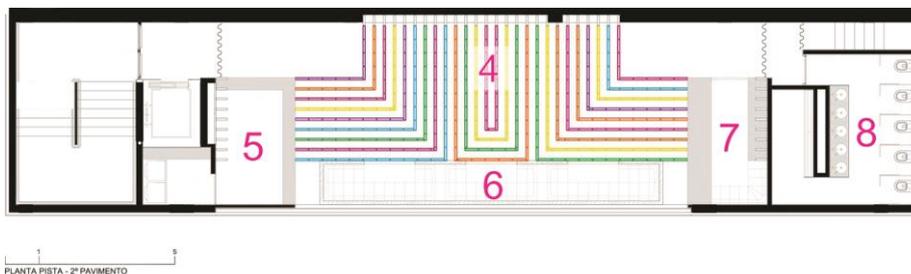


- ↑ Acesso principal
- 1- Área de check in e check out
- 2- Circulação vertical
- 3- Elevador
- 4- Setor administrativo

Fonte: Do arquiteto, modificada. Disponível em: <<https://goo.gl/0741vZ>>, acessado em maio de 2017

A pista de dança foi locada no primeiro pavimento (ver figura 13), assim como o espaço do dj, o bar, oposto, vários sofás paralelos ao espaço de dança e os sanitários.

Figura 13 - Planta baixa do primeiro pavimento



- 4- Pista de dança
- 5- Bar
- 6- Sofás
- 7- Palco do dj
- 8- Sanitários

Fonte: Do arquiteto, modificada. Disponível em: <<https://goo.gl/0741vZ>>, acessado em maio de 2017

Na pista de dança centenas de lâmpadas de LED recobrem as paredes, o piso, o teto, os balcões (ver figura 14) e a mesa do DJ, criando um espaço único, infinito, onde o software desenvolvido pelo próprio Multi Randolph altera a iluminação no ritmo da música, o que intensifica a experiência do usuário. A música passa a ser vista, sentida nas três dimensões, e contribui para uma sensação de expansão do espaço.

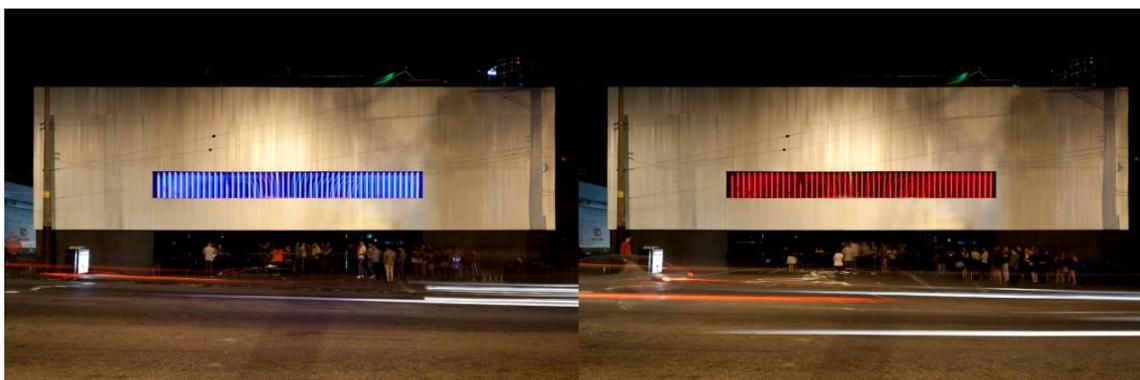
Figura 14 – Vistas da pista de dança da Clube D-Edge.



Fonte: Imagem de Maíra Acaya. Disponível em: <<https://goo.gl/0741vZ>>, acessado em maio de 2017

Este jogo de luzes pode ser observado inclusive pelos clientes que aguardam na fila, uma vez que o grande bloco da fachada principal possui uma fita em vidro duplo de sílica com leds (ver figura 15) que também acompanham e brilham no ritmo das músicas.

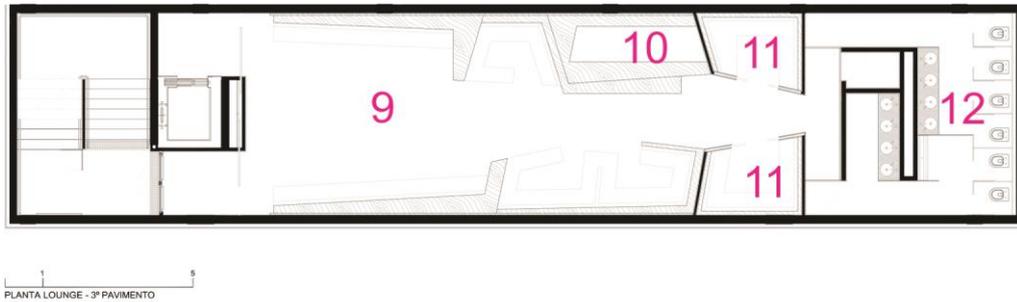
Figura 15- Fachada do Clube D-Edge, atenção para a variação de cores.



Fonte: Imagem de Maíra Acaya. Disponível em: <<https://goo.gl/0741vZ>>, acessado em maio de 2017

No segundo pavimento (ver figura 16) se encontra o espaço lounge, com os bares no oposto da circulação vertical, e logo atrás os banheiros. A divisão do espaço segue estratégias utilizadas na arquitetura naval, ou seja, nichos que maximizam o espaço e presença do mobiliário junto às paredes, com o espaço central livre.

Figura 16 - Planta baixa do segundo pavimento



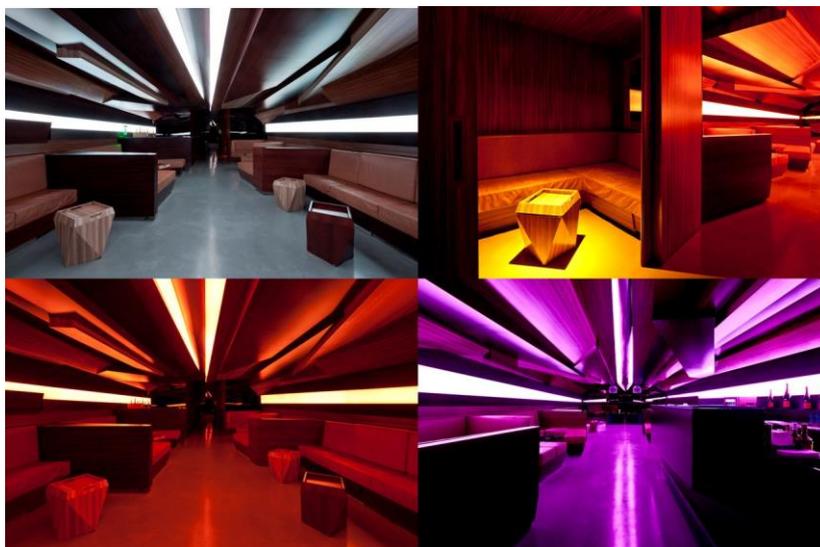
9- Lounges
10- Bar

11- Cabines privadas
12- Sanitários

Fonte: Do arquiteto, modificada. Disponível em: <<https://goo.gl/0741vZ>>, acessado em maio de 2017

As paredes e o forro (ver figura 17) são revestidas de madeira pau-ferro, à fim de ajudar na absorção acústica, e trazer maior conforto e aconchego para o ambiente. Os banheiros fazem uso de intenso das cores na iluminação e todo o edifício é acessível, contando inclusive com um elevador para a circulação vertical. Já o conforto térmico é realizado com a ajuda de equipamentos de ar-condicionado.

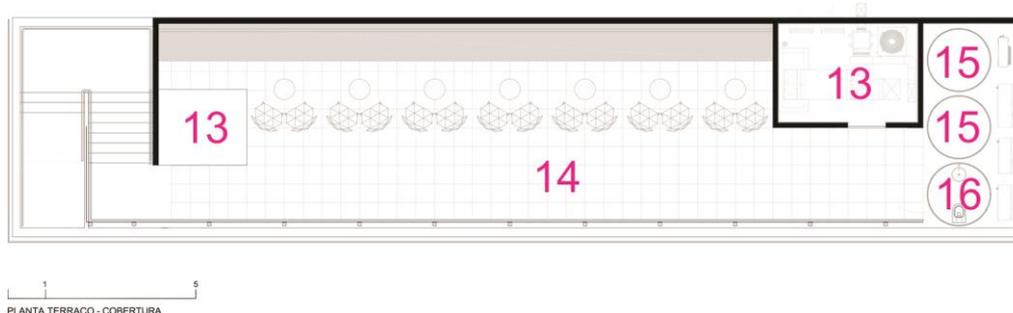
Figura 17 - Vistas do lounge.



Fonte: Imagem de Máira Acaya. Disponível em: <<https://goo.gl/0741vZ>>, acessado em maio de 2017.

O último e terceiro pavimento, o terraço (ver figura 18), segue a mesma divisão espacial dos outros: circulação vertical oposta à localização dos banheiros e bares.

Figura 18 – Planta baixa do terceiro pavimento



- 13- Casa de máquinas
- 14- Terraço e bar
- 15- Caixa d'água
- 16- Sanitário

Fonte: Do arquiteto, modificada. Disponível em: <<https://goo.gl/0741vZ>>, acessado em maio de 2017

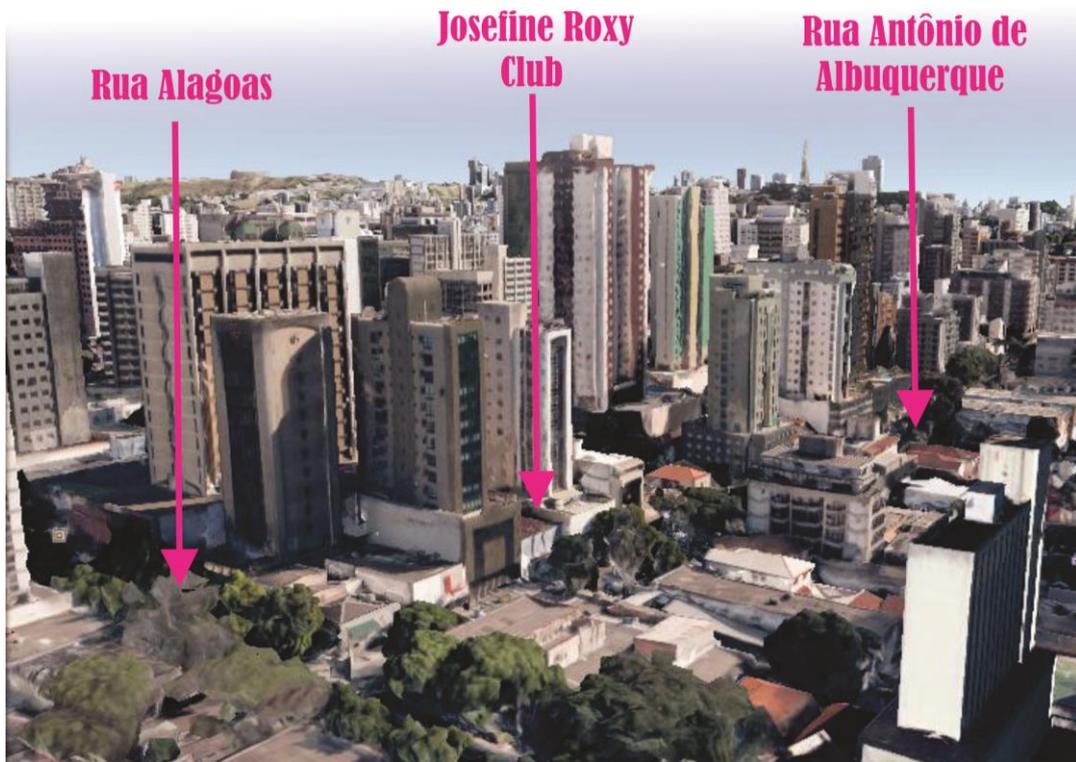
Sem cobertura, o usuário desfruta de um espaço diferente dos demais: aberto e mais tranquilo, com uma vista para o Parque do Memorial da América Latina.

2.3 Josefina Roxy Club

Inaugurado em 2007, o clube é localizado na rua Antônio de Albuquerque (ver figura 19), na região da Savassi, em Belo Horizonte, conhecido por ser um bairro nobre da capital mineira, com movimentada vida noturna. De uso misto, no entorno da casa noturna é possível encontrar diversos cafés, restaurantes e demais estabelecimentos de entretenimento noturno, transformando a região em local de encontro de jovens de toda a cidade.

Sucesso desde o ano de sua inauguração em 2007, o clube passou por um processo de reforma em 2001 sobre o controle do arquiteto Fred Mafra, responsável pelo projeto original da casa. Inicialmente restrito ao primeiro pavimento, durante as obras as reformas se ampliaram também para o segundo andar, mas preservando a segunda pista de dança

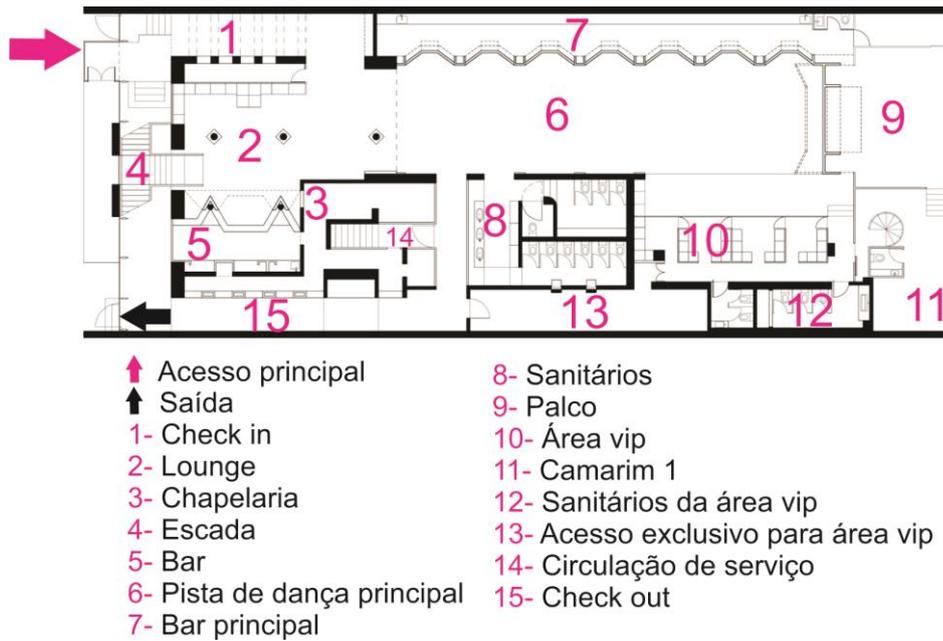
Figura 19 - Localização do Josefine Roxy Club



Fonte: Imagem do Google Earth, modificada. Acessado em maio de 2017

De acordo com Joanna Helm em reportagem para o site www.archidaily.com.br, com 955m², o clube possui no térreo (ver figura 20) o acesso principal, acessível, a área técnica, dois bares, sendo um deles retilíneo, junto à pista de dança, o palco, depósito, local para check in e outro, oposto, para check out, chapelaria, instalações sanitárias, uma área vip com 4 camarotes que, versáteis, podem se conectar criando um único espaço amplo, além do lounge, um camarim, o lounge vip e a escada de acesso para o primeiro pavimento.

Figura 20 - Planta baixa do térreo



Fonte: Imagem modificada disponível em: <<https://goo.gl/IOdO6L>>, acessado em maio de 2017

O primeiro pavimento (ver figura 21) conta com o setor administrativo (escritório) e o de serviços com cozinha, copa, depósitos com acesso inclusive pelo camarim do pavimento inferior; um terceiro bar, um lounge e uma pista de dança menor, além da área onde ficam os equipamentos de ar-condicionado e um espaço reservado para os fumantes.

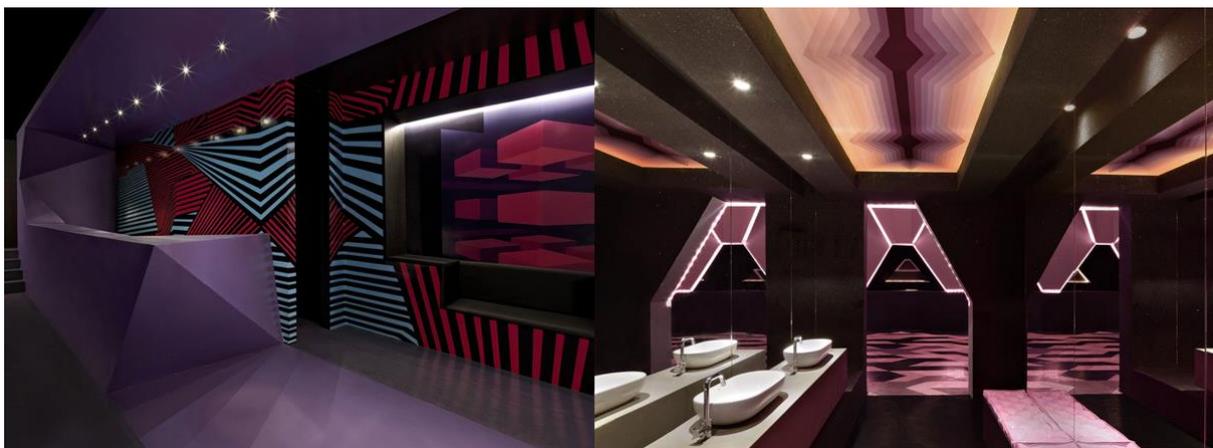
Figura 21 - Planta baixa do primeiro pavimento



Fonte: Imagem modificada disponível em: <<https://goo.gl/IOdO6L>>, acessado em maio de 2017

O bar principal, junto a pista de dança no primeiro pavimento com cerca de 12 metros de comprimento é todo recoberto por aço espelhado e junto a iluminação parece mudar de cor. Já outros ambientes, como os lounges e os banheiros (ver figura 22) retratam um clima nostálgico, saudosos, com papéis de parede inspirados na década de 70.

Figura 22 - Bar e banheiros, atenção para os papéis de parede



Fonte: Imagens de Jomar Bragança. Disponível em: <<https://goo.gl/IOdO6L>>, acessado em maio de 2017

De acordo com reportagem da Revista Projeto, edição 378 de agosto de 2011, assinada pelo Adilson Melendez, Mafra teve liberdade na concepção do projeto e criou um espaço de “formas escultóricas e onde predominam as linhas retas”, que evitam ângulos retos e fazem uso dos hexágonos (ver figura 23), variando tamanhos, e demais formas, como triângulos, quadrados e volumes lapidados instigantes.

Figura 23 - Detalhes hexagonais



Fonte: Imagens de Jomar Bragança. Disponível em: <<https://goo.gl/IOdO6L>>, a acessado em maio de 2017

Nas palavras do próprio arquiteto, as baias do bar principal “são emolduradas por pórticos em forma de trapézio feitos com gesso duplo acústico, que impede a entrada do som e facilita o atendimento em cada nicho”. Além disto, estes pórticos servem para esconder a estrutura moldada do teto, composta por hexágonos com mais de quatro toneladas no total.

A fachada, escura, é recoberta por um pano de vidro com película espelhada e em cada módulo foi instalado um painel de LCD com total de 20 televisores (ver figura 24).

Figura 24 - Fachada do Josefine Roxy Club



Fonte: Imagem de Jomar Bragança. Disponível em: <<https://goo.gl/IOdO6L>>, acessado em maio de 2017

No último pavimento, a área de fumantes pode ser aberta para o exterior e no acesso principal, a rampa foi integrada com sucesso ao conjunto da obra, fazendo parte do volume que se destaca do corpo principal do edifício.

2.4 The Year Club

Inaugurado em outubro de 2015 com capacidade para quatrocentas pessoas o clube localizado na rua R. Mergenthaler, Vila Leopoldina, São Paulo (ver figura 25), tem sua volumetria apropriada de um antigo galpão que existia no endereço. O escritório responsável Estúdio Guto Requena, optou por manter a fachada e reformular completamente o interior, aproveitando o processo de transformação urbana da região, com a instalação de empresas cinematográficas, como afirma Victor Delaqua para o site www.archidaily.com.br.

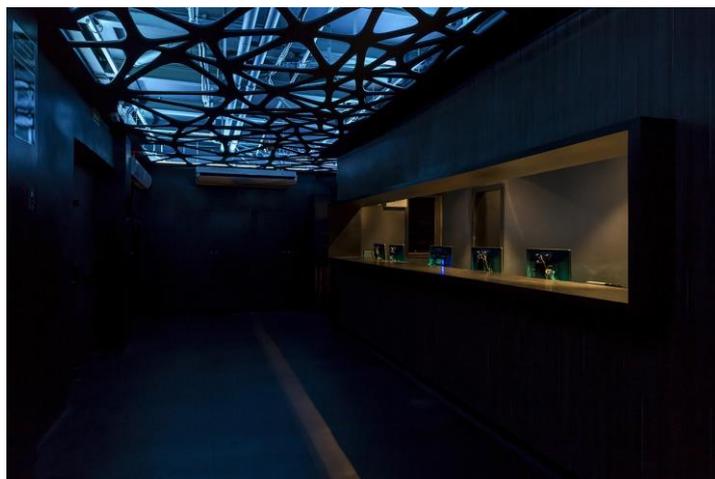
Figura 25 - Localização da casa noturna The Year Club



Fonte: Imagem do Google Earth, modificada. Acessado em junho de 2017

Com cerca de 800m² a casa noturna traz modernidade, com clima futurístico, jardins, e faz uso de materiais bem brasileiros e quentes. Com um ambiente versátil, a casa apresenta recursos que flexibilizam o espaço podendo funcionar durante o dia e a noite e suporta desde eventos pequenos a festas maiores, além de ter como marca registrada seu design interno com elementos orgânicos inspirados na natureza, cortados em chapas de madeiras (ver figura 26).

Figura 26 - Detalhe do teto



Fonte: Imagem de Fran Parente. Disponível em: <<https://goo.gl/IXhuCK>>, acessado em junho de 2017

No térreo, após o acesso principal (ver figura 27) um hall concentra as cabines de check-in e check-out e nas laterais antecâmaras, propostas para impedir a propagação do som para o ambiente externo, conduzem o usuário para a maior pista de dança, chamada de Year, e ao bar. No oposto do salão se encontra o palco, a escada de acesso ao primeiro pavimento, os sanitários e outras duas antecâmaras que levam à segunda pista de dança externa, chamada de Yard.

Figura 27 - Planta baixa do térreo



Fonte: Do arquiteto, modificada. Disponível em: <<https://goo.gl/IXhuCK>>, acessado em junho de 2017

No primeiro pavimento encontra-se a área de serviço com vestiários e cozinha na porção frontal, e aos fundos um mezanino com camarote e uma área VIP (ver figura 28).

Figura 28 - planta baixa do primeiro pavimento



Fonte: Do arquiteto, modificada. Disponível em: <<https://goo.gl/IXhuCK>>, acessado em junho de 2017

Na pista principal uma estrutura metálica cravejada de leds, semelhante a uma gaiola (ver figura 29-A), fica suspensa sobre o público, onde um sistema de iluminação moderno com sensores capta os movimentos do DJ e permitem alterar o ritmo e as cores das lâmpadas. Além disso, outros sensores instalados no alto da estrutura captam o calor das pessoas e altera os efeitos da iluminação. O espaço também permite a criação de vários layouts uma vez que os camarotes possuem rodízio e se adaptam às necessidades do evento (ver figura 29-B).

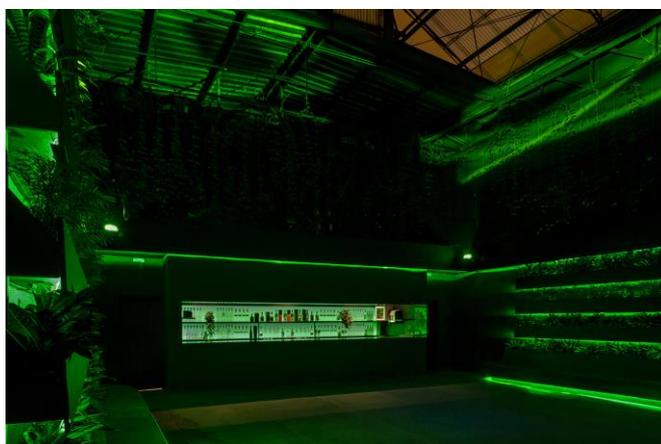
Figura 29-A e 29-B - Pista de dança principal



Fonte: Imagem de Fran Parente. Disponível em: <<https://goo.gl/IXhuCK>>, acessado em junho de 2017

A pista secundária, Yard (ver figura 30), semelhante a um quintal, foi pensada para que o usuário se sentisse parte da festa mesmo fora dela. Assim criou-se áreas verdes na lateral, com jardins verticais, e um teto retrátil, além do bar.

Figura 30 - Pista de dança Yard



Fonte: Imagem de Fran Parente. Disponível em: <<https://goo.gl/IXhuCK>>, acessado em junho de 2017

3. Análise de restaurantes e bares

3.1 Restaurante Sarau

Localizado na esquina da Avenida Brigadeiro Luís Antônio com a Rua Henrique Martins, no bairro nobre Jardim Paulista, em São Paulo capital (ver figura 31), o restaurante Sarau, projeto do escritório Basiches Arquitetos Associados, próximo ao Hotel Unique, une três funcionalidades no mesmo espaço: restaurante, bar e espaço de dança, criando um local aconchegante e descontraído, nas palavras do próprio arquiteto.

Figura 31 - Localização do Restaurante Sarau



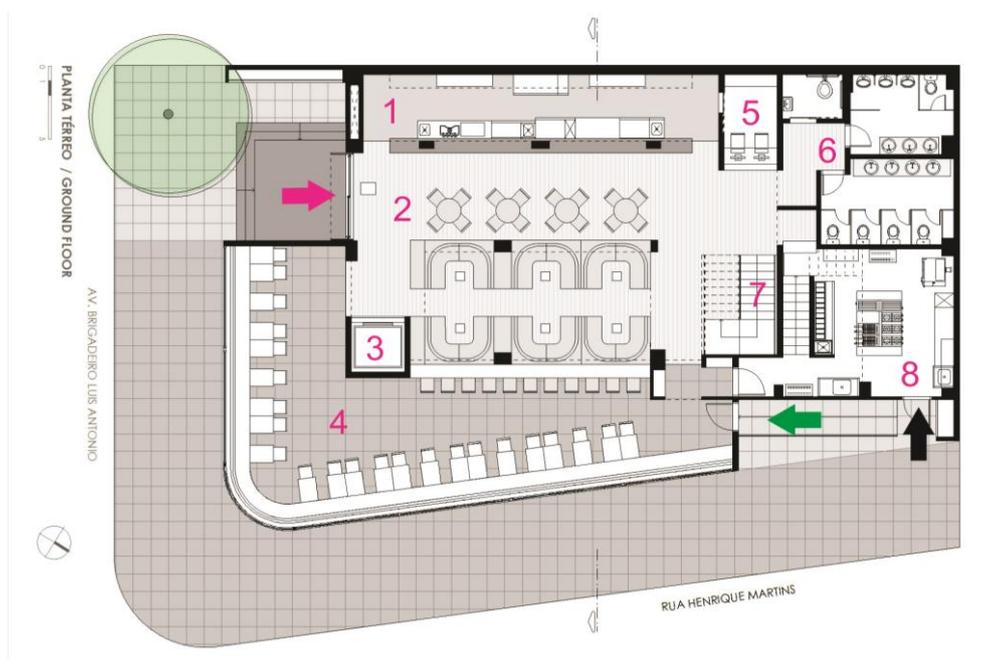
Fonte: Imagem do Google Earth, modificada. Acessado em junho de 2017

Com 580m² e início das obras em 2015, a casa abriu suas portas em 2016 aproveitando a volumetria e os três andares do estabelecimento já existente para criar a setorização: um restaurante no térreo, a pista de dança no mezanino e o terraço com vista para o entorno na cobertura.

O acesso principal é realizado pela avenida Brigadeiro Luís Antônio, e o cliente ao entrar na edificação (ver figura 32) se encontra em um grande ambiente com o bar à sua esquerda, um ambiente mais íntimo no centro do salão e um grande sofá curvo, mesas e cadeiras, que segue as linhas do terreno, na esquina. Oposto à entrada, nos fundos,

têm-se a cozinha, a entrada de serviço, os sanitários e a escada de acesso ao segundo pavimento, bem como uma entrada secundária através de uma rampa acessível.

Figura 32 - Planta baixo do térreo



- | | |
|---------------------|---------------------------------|
| ↑ Acesso principal | 4- Lounge |
| ↑ Rampa acessível | 5- Caixas |
| ↑ Acesso de serviço | 6- Sanitários |
| 1- Bar | 7- Acesso ao primeiro pavimento |
| 2- Salão | 8- Cozinha |
| 3- Elevador | |

Fonte: Do arquiteto, modificada. Disponível em: < <https://goo.gl/IXhuCK> >, acessado em junho de 2017

O ambiente é bem iluminado pelas várias esquadrias voltadas para a calçada bem como o recurso de se situar o mezanino no centro do pavimento, assim criou-se dois grandes vazios com pé direito duplo que trazem iluminação natural para o interior da edificação, um sob o bar linear (ver figura 33) que recebeu fechamento em vidro e outro, oposto e com teto retrátil, sobre as mesas.

Figura 33 - Pé direito do bar



Fonte: Imagem de Ricardo Bassetti. Disponível em: <<https://goo.gl/hzqKC1>>, acessado em junho de 2017

O primeiro pavimento (ver figura 34) é responsável por abrigar o setor de serviço, um bar, sanitários, e o mezanino com uma pequena pista de dança e mobiliários que criam uma área de descanso e descontração.

Figura 34 - Planta baixa do primeiro pavimento

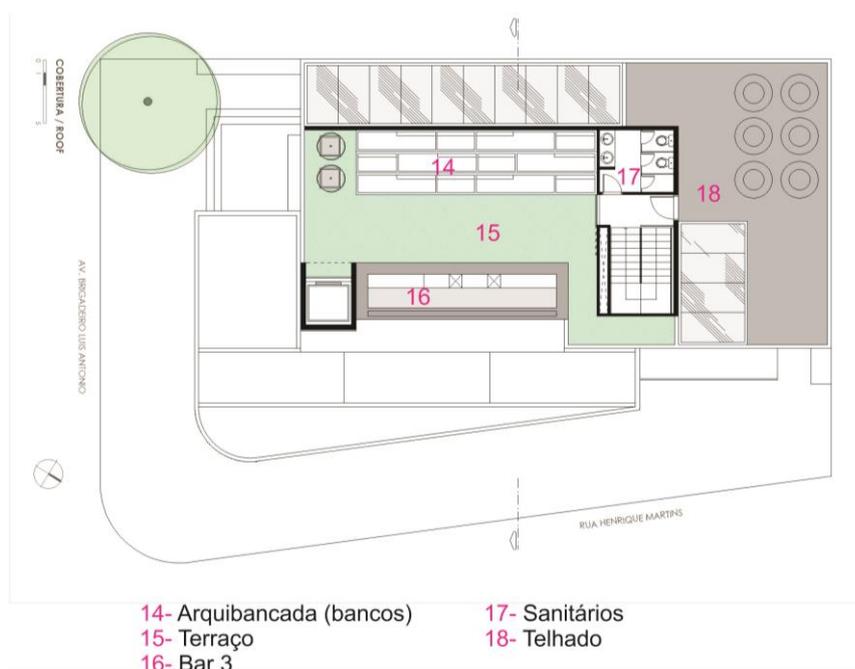


- 10- Setor de serviços
- 11- Bar 2
- 12- Sanitários
- 13- Lounge e pista de dança

Fonte: Do arquiteto, modificada. Disponível em: <<https://goo.gl/IXhuCK>>, acessado em junho de 2017

A Cobertura (ver figura 35) recebeu piso em grama sintética, uma pequena arquibancada em madeira com três níveis para apreciação da vista do entorno, e o elevador que conecta todos os pavimentos. O bar fica de costas para a rua e todo o espaço recebeu iluminação suave.

Figura 35 – Planta baixa da cobertura



Fonte: Do arquiteto, modificada. Disponível em:
<<https://goo.gl/IXhuCK>>, acessado em junho de 2017

Os revestimentos internos se caracterizam por bastante uso de texturas, como o cimento queimado, madeira, porcelanato polido, estrutura e alvenaria aparente. Externamente (ver figura 36) o edifício recebeu pintura na cor preta, contrastante com a transparência dos vidros e iluminação direcionada de baixo para cima.

Figura 36 - Fachada do restaurante



Fonte: Imagem de Ricardo Bassetti. Disponível em: <<https://goo.gl/hzqKC1>>, acessado em junho de 2017

3.2 Restaurante Bossa

Integrando bar, restaurante e estúdio de música, o Bossa, inaugurado em 2015, após três anos de obras e de autoria do arquiteto Marcelo Rosenbaum e do Muti Randolph, traz em seus 263m² de área construída um espaço diferenciado e atraente na região nobre do bairro Jardim Paulista, na Alameda Lorena, em São Paulo, capital (ver figura 37).

Figura 37 - Localização do Restaurante Bossa



Fonte: Imagem do Google Earth, modificada. Acessado em junho de 2017

Com sua fachada alta recoberta por *brises* de madeira ecológica (ver figura 38) e estrutura metálica discreta o restaurante parece se equilibrar sobre o declive do terreno e tem seu acesso principal pela lateral direita, onde o usuário segue por uma rampa em meio a um tom sóbrio da madeira e do jardim vertical à direita. Seguindo para os fundos do terreno têm-se a entrada de serviços.

Figura 38 - Fachada do Restaurante Bossa



Fonte: Imagem de Tuca Reines. Disponível em: <<https://goo.gl/OzYiNO>>, acessado em junho de 2017

No primeiro pavimento se concentram os espaços comuns do Bossa (ver figura 39): um hall de recepção com pé direito duplo e cobertura em caixilhos e vidro cria um ambiente iluminado e amplo; à esquerda encontra-se um grande salão com mesas e cadeiras. À direita, na porção posterior do volume, encontra-se o bar vertical, ao fundo os sanitários e a escada de serviço que conduz à cozinha no pavimento superior.

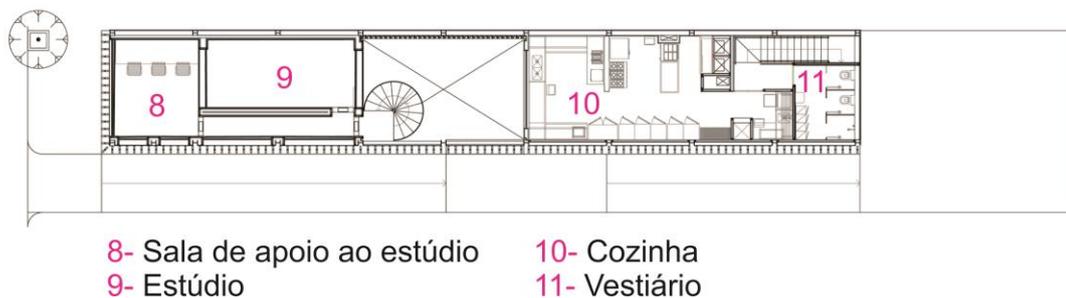
Figura 39 - Planta baixa do primeiro pavimento



Fonte: Do arquiteto, modificada. Disponível em: <<https://goo.gl/OzYiNO>>, acessado em junho de 2017

No segundo pavimento tem-se o estúdio musical na porção frontal do volume (ver figura 40), onde o acesso é realizado pela escada helicoidal. No oposto situa-se a cozinha e demais cômodos que compõem a área de serviço: os vestiários e depósitos.

Figura 40 - Planta baixa do segundo pavimento



Fonte: Do arquiteto, modificada. Disponível em: <<https://goo.gl/OzYiNO>>, acessado em junho de 2017

Internamente a decoração faz uso de espelhos, objetos retrôs e cadeiras de design e percebe-se o uso da madeira no mobiliário e no forro. A iluminação faz bastante uso da luz natural, uma vez que o *brise* permite configurações diferentes e jogos de luzes diversos. O tom cimentício está presente no piso e nas paredes (ver figura 41), bem como a grande presença de espelhos, que transmitem uma sensação de amplitude do espaço. A estrutura metálica, em tintura na cor preto fosco contribui para um clima de serenidade e sobriedade.

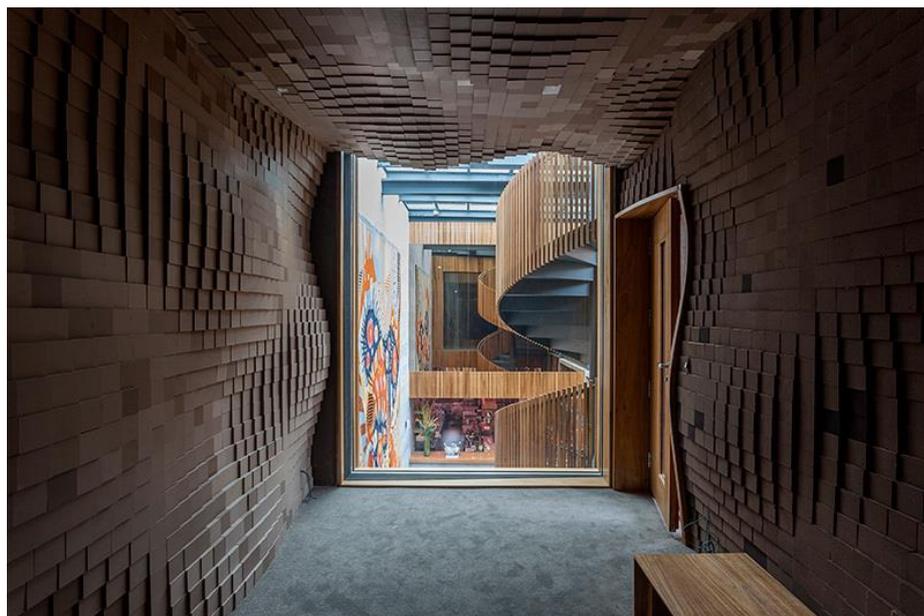
Figura 41 - Interior do Restaurante Bossa



Fonte: Imagem de Tuca Reines. Disponível em: <<https://goo.gl/OzYiNO>>, acessado em junho de 2017

O estúdio musical recebeu tratamento especial para o conforto acústico e suas paredes parecem se movimentar em ondas (ver figura 42), uma vez que o revestimento de espuma foi encaixado em formatos de pequenos quadrados com espessuras diversas. Com vista para o hall é possível observar todo o movimento no pavimento inferior. Para aqueles que chegam ao restaurante o espelho no mezanino da cozinha reflete a atividade dos artistas nos momentos de gravação.

Figura 42 - Interior do estúdio de música



Fonte: Imagem de Tuca Reines. Disponível em: <<https://goo.gl/OzYiNO>>, acessado em junho de 2017

3.3 Restaurante Sargas

Em meio a atmosfera nobre do Bairro Lourdes, em Belo Horizonte, localizado na movimentada Avenida do Contorno (ver figura 43) e com reinauguração no ano de 2016 o restaurante Sargas, com 305m², traz um clima lúdico e sóbrio ao bar do Hotel Mercure, integrando o espaço interno do edifício com o exterior.

Figura 43 - Localização do restaurante Sargas



Fonte: Imagem do Google Earth, modificada. Acessado em junho de 2017

O projeto arquitetônico, realizado em parceria pelos MOBIO, Marcos Franchini e Pedro Haruf buscou trazer diversidade de cores e ganhou menção honrosa na XVIII Premiação de Arquitetura IAB – MG 2016 – “Centenário Sylvio de Vasconcellos”. O forro colorido forma nichos em marcenaria (ver figura 44-A) e cria diferentes percepções visuais quando se altera o ângulo de visão ou a iluminação. O recurso também foi utilizado no deck (ver figura 44-B), em divisórias internas e na parede dos fundos do bar. As cores e a área externa solucionaram outra necessidade do projeto: atrair novos clientes ao bar, uma vez que o espaço era frequentado quase que exclusivamente pelos hóspedes do hotel.

Figura 44-A e 44-B - Detalhe em marcenaria

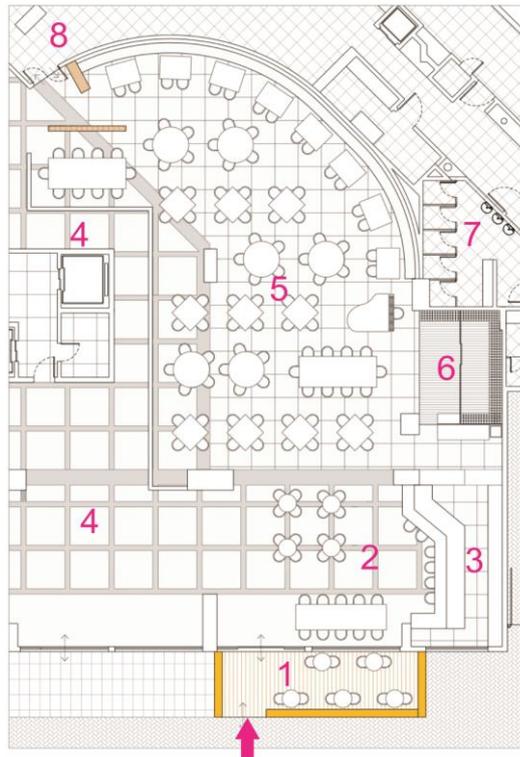


Fonte: Imagem de Gabriel castro/Reverbo. Disponível em: <<https://goo.gl/I2o0L4>>, acessado em junho de 2017

Composto por apenas um pavimento (ver figura 45) e com dois acessos: um interno, pelo saguão de recepção do hotel e outro externo, pelo deck. Ao acessar o bar por este último encontra-se a direita o bar em um salão aberto, e mais a frente estão dispostas as mesas com a adega à direita, inserida na reforma. Aqui buscou-se criar um ambiente todo translúcido, com as divisórias em vidro a disposição das garrafas cria um ambiente amplo, colorido e informal. Ao lado fica a entrada dos sanitários e mais ao fundo o acesso à cozinha e ao setor de serviços.

Grande parte da porção posterior do restaurante é formado por uma grande parede curva, assim buscou-se elaborar um mobiliário próprio, que segue essa curvatura e maximizasse o uso do espaço. Além de receber iluminação focal nas extremidades, destacando a parede, no teto encontra-se grandes pendentés quadrados. O paisagismo fica por conta dos vasos distribuídos nos nichos de marcenaria, tanto nas divisórias internas quanto no deck exterior.

Figura 45 - Planta baixa



- ↑ Acesso principal
- 1- Deck
- 2- Salão 1
- 3- Bar
- 4- Sagão do hotel
- 5- Salão 2
- 6- Adegas
- 7- Sanitários
- 8- Cozinha

Fonte: Do arquiteto, modificada. Disponível em: <<https://goo.gl/l2o0L4>>, acessado em junho de 2017

PARTE 3. Condicionantes do projeto

4. Terreno

Para melhor compreensão da escolha do terreno e seu caráter estratégico é importante a análise histórica da cidade de Juiz de Fora e de como ocorreu o desenvolvimento de sua região central ao longo do tempo. Assim, o estudo destas condicionantes, além de levantamento dos usos e gabaritos majoritários do entorno, e de características do local, apresenta direções projetuais para a proposta deste trabalho, o que garante a inserção de forma mais adequada possível do equipamento.

4.1 Histórico de Juiz de Fora

Juiz de Fora tem sua origem ligada ao período aurífero entre os séculos XVII e XIX e com a abertura do caminho novo que buscava ligar a região das minas ao Rio de Janeiro. Por meio dessa rota localizada na Zona da Mata Mineira, que embora não fosse produtora de ouro viria a ser, instala-se após a construção do “Caminho Novo” (ver figura 46) por parte da Coroa Portuguesa vários entrepostos de fiscalização da rota do ouro, além de pousadas, estalagens e serviços de apoio à essa demanda, como afirma Mônica Ribeiro de Oliveira (1994).

Embora exista divergências, boa parte das literaturas atribuem o início do desenvolvimento da cidade de Juiz de Fora à margem esquerda do Rio Paraibuna. “Antes de 1836, o que havia era somente a fazenda do Juiz de Fora, no lado oposto do rio” (OLIVEIRA, 1966. p. 10).

Existia, também à margem direita do Paraibuna, um pequeno núcleo de população, onde foi edificada, e permanece até hoje, uma fazenda construída no século XVIII de propriedade do Alcaide Mór (Tapera), local que se tornou marco de formação da cidade de Juiz de Fora. O povoado que surgiu em torno desse núcleo populacional se transformou em 1850, na Vila de Santo Antônio do Paraibuna. Em 1853 a Vila é elevada à categoria de cidade ganhando o nome Juiz de Fora em 1865, de acordo com Oliveira (1994).

A cidade recebeu esse nome pois uma fazenda importante para o povoado hospedou durante um tempo um “magistrado, do tempo colonial, nomeado pela Coroa Portuguesa para atuar onde não havia Juiz de Direito” (OLIVEIRA, 1994) e assim surgiu o juiz de fora, ou seja, de outra localidade.

Com o declínio da extração aurífera e o período da cafeicultura, entre a segunda metade do século XIX e meados da década de 1930, a cidade se tornou referência na região, devido à sua consolidação como entreposto comercial. Entretanto, de acordo com Marcus Antônio Croce (1898) embora a cidade desfrutasse de terras e escravos para o cultivo de café, possuía um ponto negativo: a precariedade do sistema de transportes. Juiz de Fora se situa em uma região geograficamente acidentada e cercada por matas densas, o que dificultava ainda mais a chegada do café ao Rio de Janeiro, de onde partia para o exterior. Em consequência disso foi proposta a criação da Estrada União Indústria, visando solucionar os empecilhos apresentados em uma região que se via cada vez mais desenvolvida e influenciada pela demanda da agroindústria e sobre a qual o papel de Mariano Procópio foi essencial.

A proposta do projeto rodoviário foi criada por Mariano Procópio que o entregou ao então imperador D. Pedro II. A ideia era ligar Juiz de Fora à Petrópolis, permitindo o transporte até o Rio de Janeiro por meio da *Ferrovía D. Pedro II*.

Nada contribuiu mais para o progresso de Juiz de Fora, nos primeiros anos da formação da cidade, do que a estrada União e Indústria, magnífica rodovia que Agassiz, visitando-nos em 1865, considerou “célebre tanto pela sua beleza como pela sua execução”, classificando-a como uma das melhores do mundo. (OLIVEIRA, 1966, p.45)

Sua inauguração em 1861 viria a influenciar bastante a organização urbana da cidade, deslocando o traçado da rodovia para fora do perímetro urbano e contribuindo fortemente para o desenvolvimento e crescimento da cidade.

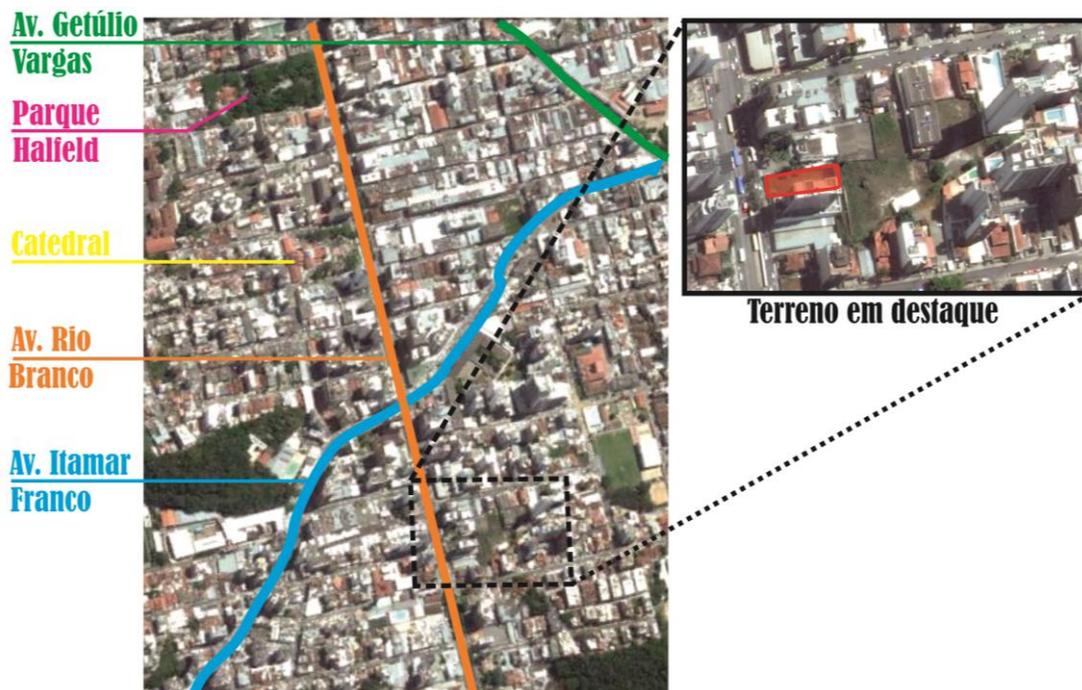
De acordo com Croce (2008) em 1875, a ferrovia D. Pedro II, partindo do Rio de Janeiro, chega a Juiz de Fora com objetivo de fazer a ligação do Rio de Janeiro/Minas Gerais/São Paulo, vindo a serem criados ramais posteriores por intermédio de fazendeiros da região. A Zona da Mata mineira e São Paulo tornaram-se as localidades de maior investimento ferroviário do período. Algumas companhias mineiras acabaram se fundindo com outras fluminenses, ocasionando a criação da Estrada de Ferro Leopoldina, a qual possibilitou a interligação de toda a zona da Mata mineira, o que favoreceu e efervesceu ainda mais o mercado agroindustrial e a vinda de imigrantes e novos moradores para a região.

Durante o século XX alguns acontecimentos como a abertura do acervo de Alfredo Ferreira Lage para visitação pública, que viria a se tornar o Museu Mariano Procópio, movimentaram e enriqueceram a atmosfera cultural de Juiz de Fora, bem como a fundação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em 1960. Aos poucos a cidade foi se tornando referência no setor de serviços, com crescimento nas áreas de saúde e educação.

4.2 Apresentação do terreno

Na quadra formada entre as ruas Dr. Antônio Carlos e Delfim Moreira, no bairro Granbery em Juiz de Fora, localiza-se uma grande área livre (ver figura 47) onde funcionou até meados dos anos 2011 um hospital. Para realização deste trabalho o terreno escolhido é apenas um recorte desta área onde funcionou o hospital, e se encontra na avenida Rio branco entre os números 3029 (Ultrimagem unidade Castelo) e 3053 (Blue Tower), bairro Granbery em Juiz de Fora.

Figura 47 - Localização do terreno em Juiz de Fora



Fonte: Imagem do Google Earth, modificada. Acessada em junho de 2017

4.3 Histórico do entorno

Em 1836 o engenheiro Henrique Halfeld havia firmado um acordo com o governo de Minas Gerais para a criação de uma estrada que ligasse a vila Paraibuna à região de Vila Rica, o Caminho Novo, criou um traçado reto paralelo ao Rio Paraibuna que dá origem à rua Principal, posteriormente rua da Direita, e atualmente Avenida Barão do Rio Branco, onde surgiu um aglomerado de pequenas residências que desviavam o núcleo original de povoamento da cidade. Observou-se um “abandono da margem esquerda do Paraibuna, por onde passava a antiga estrada” (OLIVEIRA P., 1966, p.19), e iniciou o florescimento na região do atual bairro Alto dos Passos, e da rua Califórnia, atual rua Halfeld, que leva seu nome como grande benfeitor do município. Segundo o historiador Pedro Nava (2012):

A rua Halfeld desce como um rio, do morro do Imperador, e vai desaguar na praça da Estação. Entre sua margem direita e o alto dos Passos estão a Câmara; o fórum; a Academia de Comércio, com seus padres; o Stella Matutina, com suas freiras; a matriz, com suas irmandades; a Santa Casa de Misericórdia, com seus provedores; a cadeia, com seus presos (testemunhas de Deus — contraste das virtudes do Justo) — toda uma estrutura social bem pensante (...). Já a margem esquerda da rua Halfeld marcava o começo de uma cidade mais alegre, mais livre, mais despreocupada e mais revolucionária. O Juiz de Fora projetado no trecho da rua Direita que se dirigia para as que conduziam a Mariano Procópio era, por força do que continha, naturalmente oposto e inconscientemente rebelde ao alto dos Passos. Nele

estavam o parque Halfeld e o largo do Riachuelo, onde a escuridão noturna e a solidão favoreciam a pouca-vergonha. (NAVA, 2012, p. 36-37)

Em 1856, com a elevação da vila à categoria de cidade e com a doação de terras num traçado sempre norteado pela Estrada Nova: transversais e paralelas à esta, foram surgindo as outras ruas que hoje compõem, principalmente, a malha urbana da região central. Além dos limites geográficos: o Rio Paraibuna e o Morro do imperador, que direcionavam a criação do núcleo da cidade, a Estrada União Indústria (atual traçado da Avenida Getúlio Vargas) também foi de suma importância para o desenvolvimento da região. Já em 1860 foi elaborada a Planta de Arruamento da Cidade encomendada pela Câmara Municipal onde buscava-se:

(...) desenhar a cidade tal qual ela se acha edificada, (...) traçar o plano da mesma tal qual deve ser para o futuro edificada, em que as ruas perpendiculares à Rua Direita fossem abertas até a serra adjacente à cidade. (OLIVEIRA, 1966, p.65)

A ocupação da Rio Branco aconteceu principalmente por grandes casarões e palacetes (ver figura 48) das famílias tradicionais de Juiz de Fora. De acordo com Oliveira P. (1966) eram nas residências do barão de Bertioga, José Antônio da Silva Pinto, situadas na região do atual bairro do Alto dos Passos, que se alojavam juizes, advogados, escrivães, médicos, padres, negociadores e até mesmo farmácias. Oliveira (1966) ressalta que foi por ação do próprio barão e de sua esposa, a Baronesa Maria José Miquelina da Silva, que se inaugurou em agosto de 1854 a Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora, que oferecia atendimento médico aos pobres e necessitados.

Figura 48 - Avenida Rio Branco, trecho próximo ao terreno, começo do século XX



Fonte: Imagem disponível em: <<https://goo.gl/o7WWMP>>, acessado em junho de 2017

Posteriormente, com o crescimento do centro da cidade e a verticalização, os terrenos na avenida foram se valorizando e as antigas residências foram dando lugar a edifícios altos e prédios comerciais.

4.4 Análise do entorno e terreno

No entorno do terreno analisado encontram-se importantes estabelecimentos de saúde, como a Santa Casa de Saúde, o Hospital de Pronto Socorro e o HTO, além do Banco Safra, do Bahamas Empório, o Hotel Victory Suítes e vários edifícios corporativos (ver figura 49). A cerca de 40 metros de distância encontramos o Bar do Bigode e Xororó, estabelecimento que a mais de trinta e cinco anos reúne dezenas de pessoas para um *happy hour* na rua Chanceler Oswaldo Aranha. Nota-se a presença de um grande vazio em ofertas de estabelecimentos que possam atender aos moradores e trabalhadores da região, principalmente com funcionamento diurno e noturno.

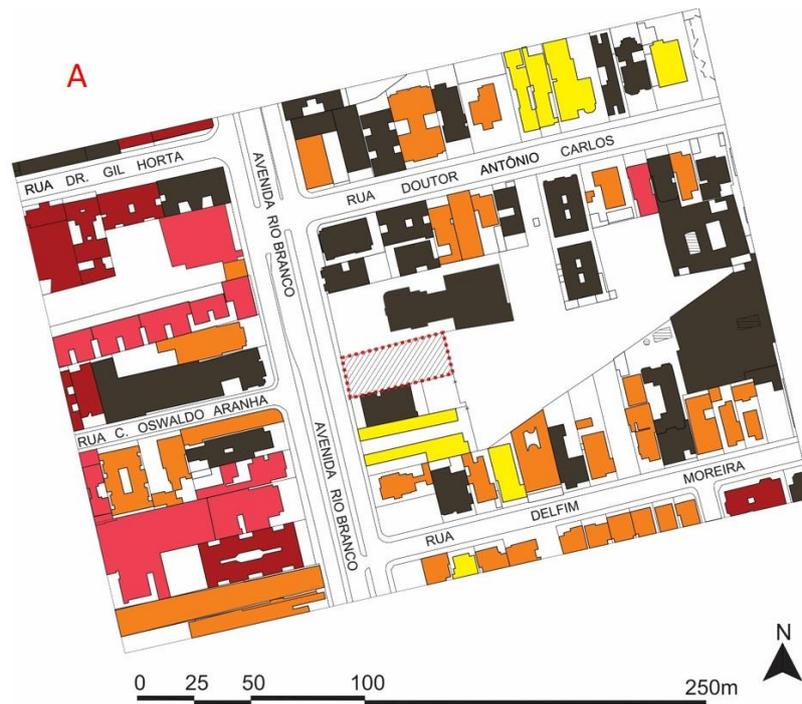
Figura 49 - Estabelecimentos e edifícios do entorno



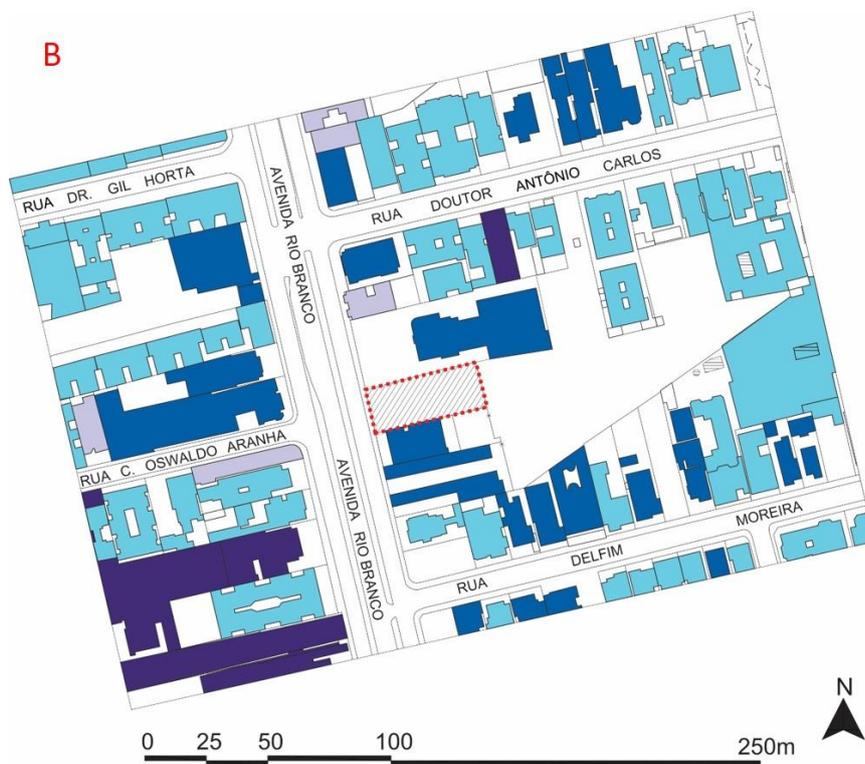
Fonte: Do autor.

Inserido em uma região com predominância de uso misto (ver figura 50-A) e com edifícios de gabaritos diversos (ver figura 50-B), o terreno se encontra próximo ao centro urbano com distância aproximada de 250 metros da avenida Itamar Franco, via de fluxo intenso e de importância histórica para cidade além de estar localizado na avenida Barão do Rio Branco, principal logradouro do município.

Figura 50-A e 50-B - Mapa de gabaritos e mapa de usos do entorno, respectivamente; Em destaque o terreno hachurado



- 1 pavimento
- 2 pavimentos
- 3 pavimentos
- 4 pavimentos
- 5 pavimentos ou mais

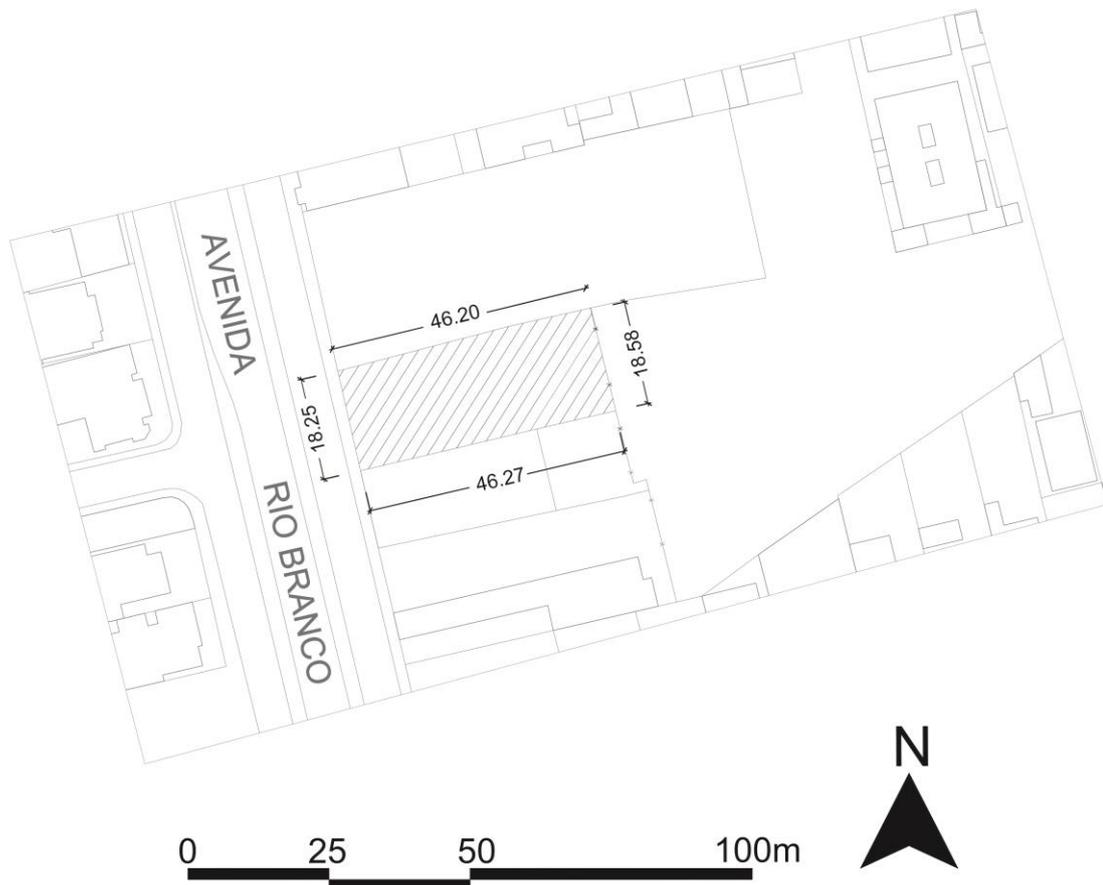


- Residencial
- Serviços/comercial
- Misto
- Institucional

Fonte: Imagem do Google Earth, modificada. Acessada em junho de 2017

O terreno (ver figura 51) possui aproximadamente 860,5m² e com dimensões de 46.2m e 46.27m nas suas laterais. O frontal voltado para a via de acesso Avenida Barão do Rio Branco possui dimensões de 18,25m e cerca de 18,58 de fundos, onde existe um grande muro de arrimo.

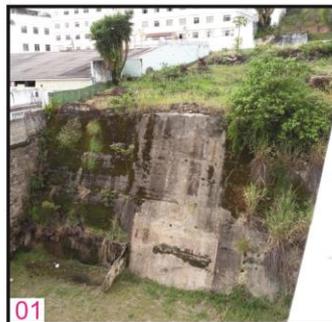
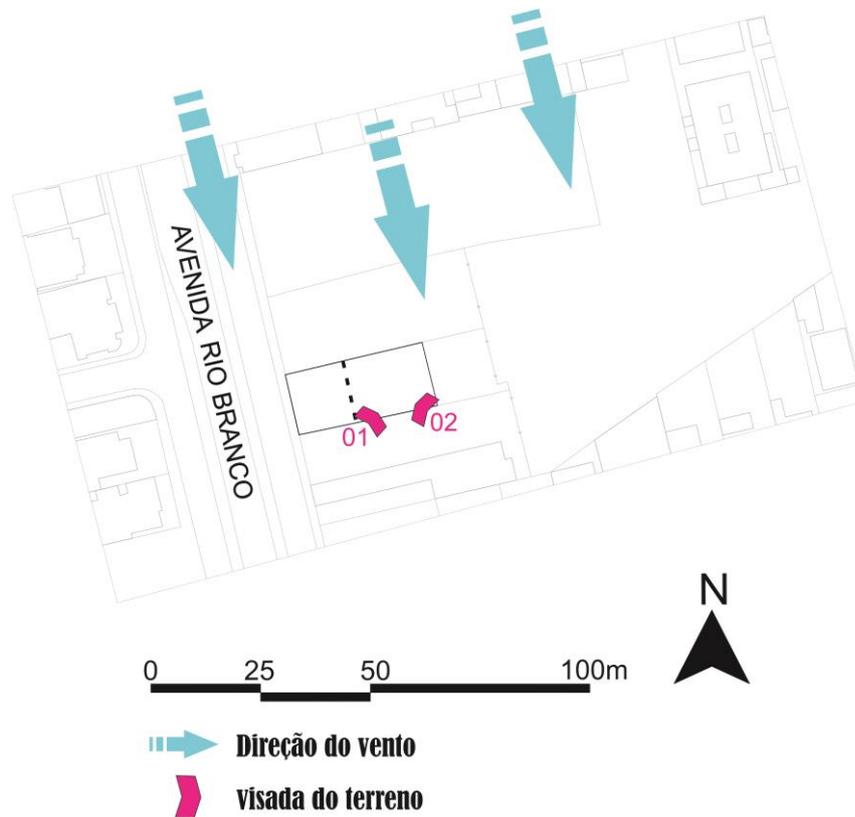
Figura 51 - Dimensões do terreno



Fonte: Do autor

Em Juiz de Fora os ventos dominantes vêm do norte (ver figura 52) e de acordo com a NBR 15.220 a cidade se encontra inserida na zona bioclimática número 3 e para um bom conforto térmico deve-se atentar para que as aberturas de ventilação tenham tamanho médio e que permitam a entrada da luz solar durante o inverno, além de ventilação cruzada durante o verão.

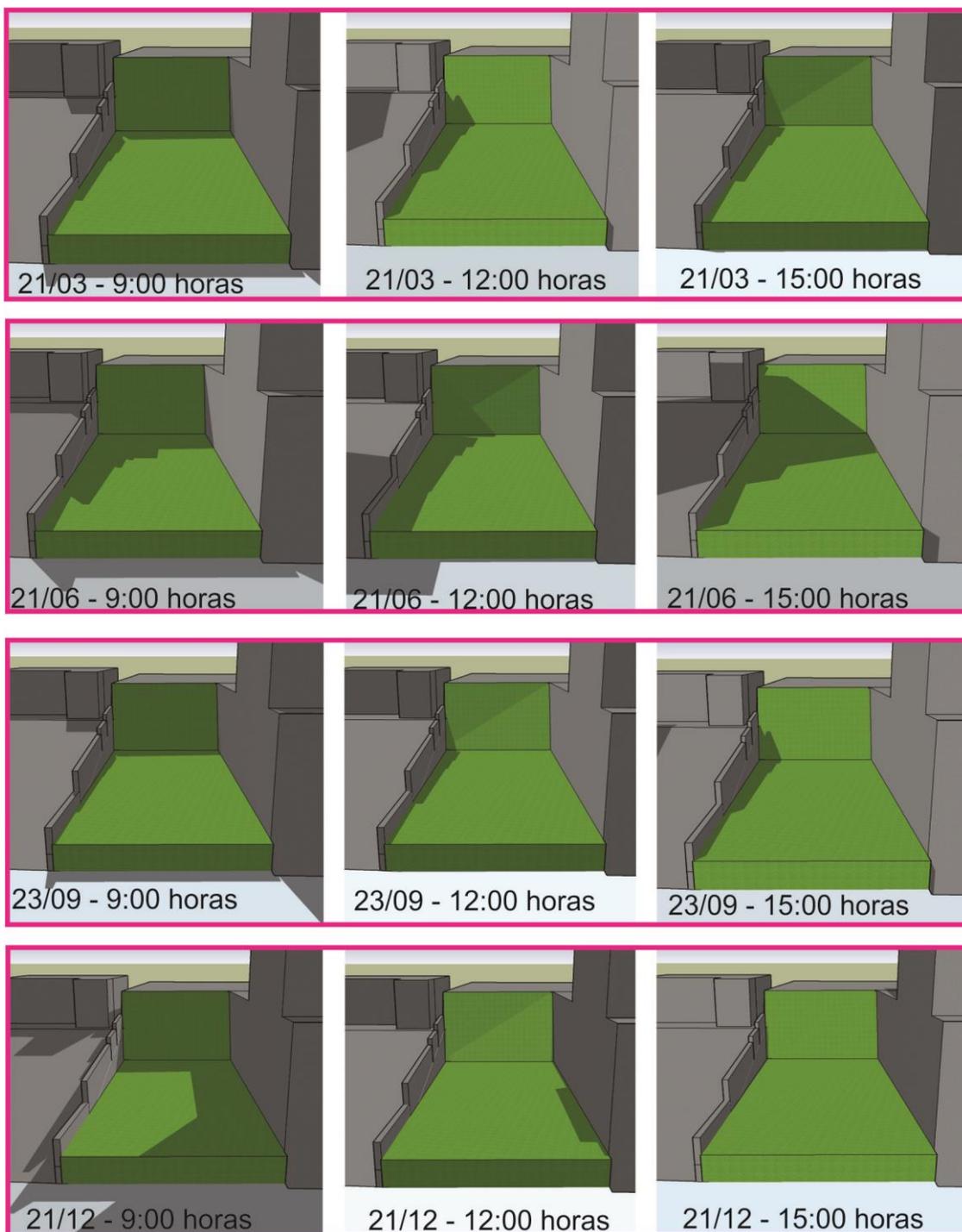
Figura 52 - Indicação dos ventos e visadas do terreno



Fonte: Imagem de Wellington Júnior, modificada.
Acessada em junho de 2017

Com localização privilegiada, o terreno se encontra em uma via de fluxo intenso que possui sistema de transporte coletivo e está próximo a um ponto de ônibus. Mesmo cercado por edifícios altos o espaço não é prejudicado por sombras (ver figura 53) e recebe luz do sol em quase toda sua extensão ao longo do dia nas diversas estações do ano.

Figura 53 - Insolação no terreno em momentos diversos



Fonte: Do autor.

4.5 Condicionantes legais

A legislação urbana de Juiz de fora é o instrumento usado para direcionar os procedimentos de execução e as regras gerais e específicas relacionadas as obras, as edificações e aos equipamentos da cidade. Com o objetivo de garantir padrões

mínimos aceitáveis de habitabilidade no âmbito de segurança, salubridade e configuração urbana é ela que norteia os parâmetros de construção do município. Para este trabalho os estabelecimentos bar, restaurante e boate foram utilizados para a configuração de um equipamento de lazer noturno se enquadrando nas categorias de listagem de atividades nos grupos L1 (bar e restaurante) e P2 (boate). Nosso terreno, dentro da divisão de usos e ocupação do solo da legislação, se encontra na Zona Comercial 3 e permite a ocupação por estes grupos. Uma atenção especial deve ser dada para o estacionamento: se o estabelecimento possuir área inferior a 300m² precisará de 1 vaga / 20 a 200m², e com área superior a 300m² será necessária 1 vaga / 20m² da área edificada da atividade (coeficiente de aproveitamento). Assim, para efeitos de melhor compreensão, se o equipamento possuir ao total 400m² de área edificada, por exemplo deverá possuir 20 vagas de estacionamento.

Tabela 1 - Diretrizes de recuos

Recuos Exigidos		
Recuos	Número de pavimentos	Afastamento mínimo
Frontal	1º pavimento	2m
	Demais pavimentos	2m
Lateral e de fundos	1º ao 4º pavimento	0m
	Demais pavimentos	2m

Outras observações importantes:

- Qualquer espaço utilizado entre dois pisos é considerado pavimento;
- Deverá ser descontada da taxa de ocupação de 100% a área referente ao afastamento frontal mínimo exigido;

Modelos de ocupação:

Tabela 2 - Modelos de ocupação

Coeficiente de aproveitamento máximo	4,5
Taxa de ocupação máxima	1º ao 4º pavimento = 100% (altura máxima de 12 metros)
	Demais pavimento = 50%

Em nosso terreno é permitido então o total de 3.875,25m² construídos, onde do primeiro ao quarto pavimento pode-se ocupar uma área total semelhante a toda a área do lote (860,5m²), do quinto pavimento em diante apenas a metade disto, ou seja, cerca de 430m². É importante destacar ainda o papel da NBR 9050/2015 que define aspectos em relação às condições de acessibilidade e define parâmetros técnicos ligados ao projeto, construção e adaptação de edificações, mobiliários, equipamentos urbanos e espaços às condições de acessibilidade. Buscando oferecer maior segurança ao maior número de pessoas, independentemente de idade, estatura ou limitação quanto a mobilidade. Deve-se atentar também para as instruções técnicas do Corpo de Bombeiros do Estado de Minas Gerais que estabelecem critérios básicos de segurança contra incêndio nas edificações de todo o estado. Suas diretrizes buscam garantir os meios necessários ao combate a incêndios, facilitar as ações de socorro e evitar ou minimizar a propagação do fogo.

5. Diretrizes do projeto

5.1 Concepção

A cidade de Juiz de Fora hoje possui vários estabelecimentos de lazer e lazer noturno, entretanto é notório a ausência de um local que agregue estes vários serviços em um mesmo espaço e que faça uso dos diversos momentos do dia para reunir as pessoas. Assim, este trabalho tem como proposta a criação de um centro de entretenimento diversificado, onde o usuário tenha acesso a ambientes mais reservados como o restaurante e desfrute também das atividades descontraídas de um bar e uma boate. Com um conceito de versatilidade, tecnologia e conforto, a intenção é que vários momentos ao longo do dia possam ser vividos dentro do mesmo espaço: seja uma pausa para um lanche e um almoço de negócios, seja um happy hour após o trabalho e uma festa.

Além disso, a maioria das casas de show da cidade se localizam em logradouros distantes do centro urbano e restringem seu acesso aos finais-de-semana, ou são bares e restaurantes especializados em apenas um tipo de serviço. Mas o presente trabalho tem por objetivo desenvolver um estabelecimento que junte praticidade e

integração buscando reunir os jovens e empresários do entorno, uma vez que desfruta de localização privilegiada no centro da cidade, se tornando referência em múltiplas atividades. A oferta de estacionamento também é um diferencial do edifício e busca se diferenciar dos demais que, em sua grande maioria, não oferecem este tipo de serviço. Outro aspecto de relevância para o projeto diz respeito à sua localização: explorar a avenida Rio Branco também como paisagem do estabelecimento e criar espaços voltados para o exterior, inclusive um terraço ou uma cobertura.

Para a criação de um espaço com ambientes diversificados e conectados em um edifício de tamanho médio, será feito o uso de técnicas de conforto acústico para o isolamento da boate que evitem a perturbação dos moradores do entorno e ofereça qualidade aos frequentadores. Já a iluminação terá o papel de criar um ambiente multiuso que funcione de dia e de noite oferecendo aconchego nos ambientes mais tranquilos e incitando o agito na boate. Quanto aos materiais empregados em revestimentos e aos objetos do interior o intuito será criar uma atmosfera receptiva e vibrante explorando texturas, formas e estilos.

Têm-se a intenção também de trazer para Juiz de Fora uma tendência de espaços multiusos cada vez mais presentes nos grandes centros, como constatou-se nos estudos de casos, onde a grande maioria destes empreendimentos ainda se encontram restritos em cidade como São Paulo e Belo Horizonte. Além de desenvolver um edifício que receba um público diversificado e que seja capaz de suprir várias demandas de lazer e lazer noturno oferecendo conforto, praticidade e entusiasmo.

5.2 Programa

Depois da observação a respeito de conforto ambiental e de análises dos projetos de referência foi definido os programas de necessidades para o anteprojeto do equipamento de lazer noturno a ser desenvolvido nesse estudo. Destinado a um público com idade superior a 18 anos o estabelecimento terá três áreas principais: o restaurante, a boate e o lounge, e cada um desses espaços contará com suas subáreas.

O restaurante:

-Guarda-volumes

- Bar
- Cozinha.
- Salão
- Sanitário masculino, sanitário feminino e sanitário adaptado
- Caixa

A **boate**:

- Pista de dança
- Palco
- Cabine do dj
- Bar
- Sanitário masculino, sanitário feminino e sanitário adaptado

O **lounge**:

- Salão
- Bar
- Sanitário masculino, sanitário feminino e sanitário adaptado

O **setor administrativo**, responsável pelo gerenciamento e funcionamento do estabelecimento:

- Recepção
- Sala do gerente
- Sala de coordenação e marketing
- Sala de reunião
- Sanitário masculino e sanitário feminino

O **setor de serviços**, que apoia e dá suporte às atividades realizadas no restaurante, no lounge e na pista de dança:

- Depósito
- DML
- Cozinha, pensada para servir aos bares e restaurantes como local principal de realização de pratos e bebidas mais elaborados. Distribuída de forma racionalizada, separada em áreas de lavagem, cocção e bebidas;
- Copa, de apoio aos funcionários
- Vestiário feminino e vestiário masculino
- Casa de lixo
- Casa de gás

-Carga e descarga

O **setor técnico**, que abriga os equipamentos complementares do estabelecimento:

-Casa de máquinas

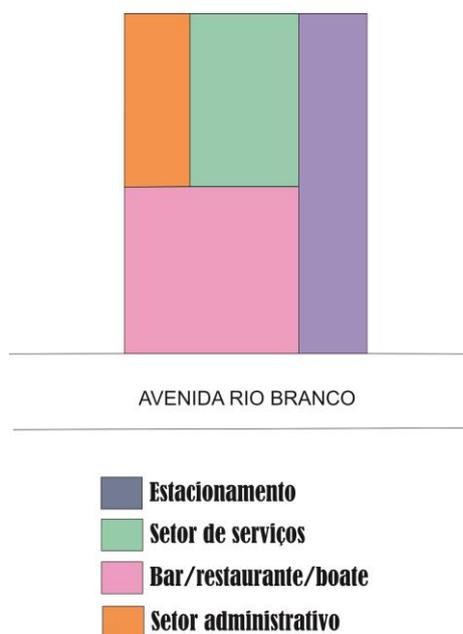
-Sala de controle elétrico e eletrônico

E por fim o **estacionamento** destinado aos clientes.

5.3 Setorização

Após o desenvolvimento do programa é possível esquematizar de forma simplificada a distribuição dos setores e a conexão entre eles, de forma a facilitar a compreensão do funcionamento do edifício (Ver figura 54). Através do estacionamento é possível acessar a área do bar, do restaurante e da boate e também o setor de serviços. Este último também está conectada à parte administrativa.

Figura 54 - Setorização

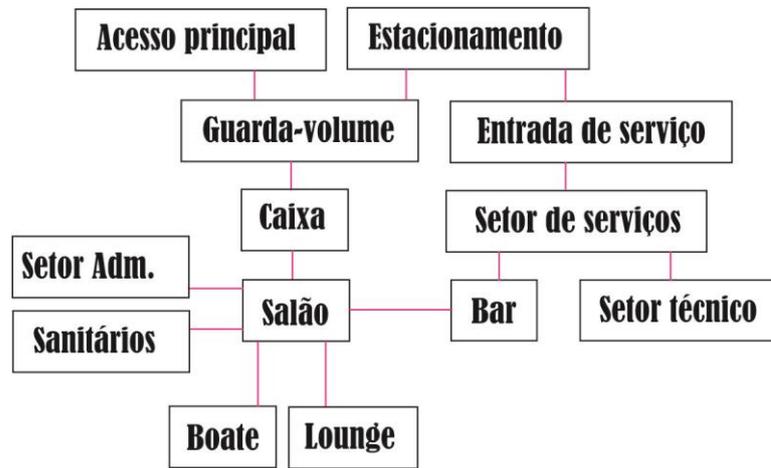


Fonte: Do autor

5.4 Fluxograma

A partir do programa (ver figura 55) do estabelecimento de lazer noturno é possível desenvolver o fluxograma observando as interligações entre os setores e os ambientes, de forma mais geral.

Figura 55- Fluxograma



Fonte: Do autor

Conclusão

O objetivo deste trabalho foi desenvolver um equipamento de lazer e lazer noturno em um terreno selecionado na zona central da cidade de Juiz de Fora, bem como aprofundar o conhecimento nas considerações sobre o tema, sua origem, evolução ao longo dos anos e a relação que se estabelece entre usuário e o espaço.

Após análise de empreendimentos similares, técnicas de conforto arquitetônico e diagnóstico do terreno e de seu entorno, desenvolveu-se as primeiras diretrizes do projeto atentando-se sempre para o impacto na região, o público alvo e soluções que justificam sua implementação e garantam seu sucesso.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho algumas dificuldades foram enfrentadas, como a de se encontrar referências bibliográficas no campo da arquitetura que abordassem com mais complexidade edificações de lazer noturno e sua relação com o homem. Além da escassez de projetos da mesma tipologia que não ficassem restritos à oferta de apenas um tipo de serviço e que concentrassem em um mesmo espaço ambientes de uso variados ao longo de seu funcionamento.

Vale enaltecer o caráter de multidisciplinaridade do trabalho, uma vez que permite a exploração do campo sociológico, histórico, turístico e de variáveis diversas da arquitetura, como o conforto acústico, luminotécnico, a execução de projetos de lazer e a criação de um equipamento deste tipo que visa trazer um local novo e diferente para os moradores e frequentadores da região central de Juiz de Fora.

Por fim, na segunda etapa do trabalho de conclusão de curso pretende-se desenvolver as ideias aqui apresentadas através da elaboração de um projeto arquitetônico fazendo uso dos dados da análise do terreno, do entorno e das condicionantes de conforto.

Bibliografia

AGUIAR, Rogério Mascarenhas. Entrevista concedida a João Filipe Dutra Alves. Juiz de Fora, 26 abril 2017.

ALGRANTI, Leila Mezan. Tabernas e Botequins: cotidiano e sociabilidades no Rio de Janeiro (1808-1821), Acervo, Rio de Janeiro, v. 24, no 2, p. 25-42, jul/dez 2011. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/349/349>>. Acesso em: abril, 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2015.

BARRAL, Gilberto Luiz Lima. **Brasília, espaço de lazer e culturas jovens**: o caso de bares. 2006, Digitalizada. UnB. Instituto de Ciências Sociais, Dissertação de Mestrado em Sociologia Urbana, 2006. 133 p. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1966/1/tese.pdf>> Acesso em: abril, 2017.

CALUMBY, Fernanda. **Administração de Bares e Restaurantes**. (Apostila). Pernambuco, 2014, 42 p. Disponível em: <<https://sisacad.educacao.pe.gov.br/bibliotecavirtual/bibliotecavirtual/texto/CadernoABAdministraodeBaresRestaurantesRDDI.pdf>>. Acesso em: Abril, 2017.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. Atividades de lazer. In:_. **O que é Lazer** (Coleção primeiros passos). São Paulo: Brasiliense, 2008. 4ª reimpressão Da 3. ed. de 1992. 172 p. 9-34.

CARVALHO, Debora Tamy Barreto. **Turismo backpacker**: um estudo exploratório sobre perfil, características e motivações. 2009. P.97. (Graduação em Turismo), Universidade Federal Fluminense, UFF, Faculdade De Administração, Ciências Contábeis E Turismo. Disponível em: <<http://repositorio.uff.br/jspui/bitstream/1/1159/1/101%20-%20Debora%20Carvalho.pdf>>. Acesso em: maio, 2017.

CAVALLO, Claudia. Privilégio. **Revista Lume**: revista de iluminação profissional. Ano 3. N 19, junho de 2000. 5p.

CROCE, Marcus Antônio. **O Encilhamento e a economia de Juiz de Fora**. O Balanço de uma Conjuntura 1888 – 1898. Ed. FUNALFA. Juiz de Fora, 2008.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1982.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FELÍCIO, Adriana Loures. **Casa Noturna**. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2000.

GIMENES, Maria H. S. G. **Bares e Casas Noturnas**: um estudo exploratório sobre consumo e sociabilidade. São Paulo, SP: Turismo em Análise, v. 15, n. 1, p. 73-88, maio 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63688>>. Acesso em: maio, 2017.

IMBIAKPA, Doubara. **TeeDeez Nightclub**: Anteprojeto de um Equipamento de Lazer Noturno. 2014. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. 131 p. Disponível em: <<https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/861/1/DEEZ%20NIGHT%20CLUB%20%20pdf%20copy.pdf>>. Acesso em: abril, 2017.

LEITE, Celson Barro. **O Século do lazer**. São Paulo, SP: LTR, 1995.

MAGNAMI, José G. C. **Os circuitos dos jovens urbanos**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, pp. 173-205, novembro, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12475/14252>>. Acesso em: Abril, 2017.

MELLO, Paulo Thiago de. Botequins. Programa in **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Ano 15, nº20, p. 25, julho de 1999.

MELO, Victor de Andrade; ALVES JUNIOR, Edmundo de D.. A emergência do lazer. In:_. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003. 153 p. 1-23.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. 1º ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora**: vivendo a história. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF/Editora da UFJF, 1994.

OLIVEIRA, Paulino de. **História de Juiz de Fora**. 2ª ed. Juiz de Fora, 1966.

PERROT, Michelle. **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Prefeitura Municipal de Juiz de Fora. **Compilação da Legislação Urbana**. Secretaria de Atividades Urbanas: Juiz de Fora, 2016.

PIOTTO, Bruno. *et al.* Disco Fever. A febre das discotecas. O ritmo que contagiou o Brasil e o mundo na década de 1970. **Revista Eclética**: Agenda 2008. jul/dez de 2007, p.37-40.

PIRES, Eliane Nogueira. **Juventude e Noite**: Espaços diferenciados in: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder – UFSC, Anais, Florianópolis, SC: agosto de 2008, 8 p. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST20/Eliane_Nogueira_Pires_20.pdf> Acesso em: abril. 2017.

REIS, Leôncio José de Almeida; CAVICHIOILLI, Fernando Renato. A teria configuracionista e o surgimento do lazer. **Anais** do 1º CONGRESSO DA ALESDE “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas”. UFPR, Curitiba – Paraná. 1ª edição, 2008. Disponível em: <<http://www.redecedes.ufpr.br/Artigos/8.pdf>>. Acessado em maio de 2017, 8 p.

SANTOS, Mila C. P. **O botequim na era da reprodutibilidade das filiais**: estudo de caso do Belmonte. 2005, 95 p. Monografia (Graduação em Comunicação Social habilitação em Publicidade e Propaganda), Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. Disponível em: <<http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/882/1/MSantos.pdf>>. Acesso em: abril, 2017.

SANTOS, Norberto Pinto dos; MOREIRA, Claudete Oliveira - **O lazer e a noite**. Imagens de uma cidade universitária : Coimbra. In SANTOS, Norberto Pinto dos; GAMA, António, coords. - "Lazer: da libertação do tempo à conquista das práticas". Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2008. p. 247-271. Disponível em: <[https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/32213/1/Lazer%20-%20Da%20Liberta%C3%A7%C3%A3o%20do%20Tempo%20%C3%A0%20Conquista%20de%20Pr%C3%A1ticas%20\(2008\)%20Santos%20e%20Moreira.pdf?ln=pt-pt](https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/32213/1/Lazer%20-%20Da%20Liberta%C3%A7%C3%A3o%20do%20Tempo%20%C3%A0%20Conquista%20de%20Pr%C3%A1ticas%20(2008)%20Santos%20e%20Moreira.pdf?ln=pt-pt)>. Acesso em: Abril, 2017.

SANTOS, Silvio E. T dos. **Psicologia das cores**. Trabalho apresentado à disciplina de Metodologia Visual do curso de Design, da Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação Superior II, sob a orientação da Prof. Regiane Trevisan Pupo. Balneário Camboriú, SC: 2000, 28 p. Disponível em: <http://docplayer.com.br/7597185-Silvio-eduardo-teles-dos-santos-psicologia-das-cores.html#show_full_text> Acesso em: Abril, 2017.

SCHMID, Aloísio Leoni. **A idéia do conforto**: reflexões sobre o ambiente construído. Curitiba: Pacto Ambiental, 2005. 338 p. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/283318289_A_ideia_de_conforto_reflexoes_sobre_o_ambiente_construido>. Acesso em: abril, 2017.

SENA, Maria de Fátima Alves de, *et al.* **Turismo da terceira idade**: análises e perspectivas in: Caderno Virtual de Turismo. Vol. 7, Nº 1, 2007. p 78-87. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/texto-363c74306718.pdf>>. Acesso em maio, 2017.

SOUZA, Léa C. L. de. **Bê-á-bá da acústica arquitetônica**: Ouvindo a Arquitetura. São Carlos, SP: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2012, 149 p.

Tribuna de Minas, Juiz de Fora (MG), 02 de maio de 2017, edição eletrônica. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/casa-noturna-e-interditada-por-poluicao-sonora/>>. Acessado em maio, 2017.

Tribuna de Minas, Juiz de Fora (MG), 05 de fevereiro de 2017, edição eletrônica. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/noites-de-sono-perdido>>. Acessado em maio, 2017.

Tribuna de Minas, Juiz de Fora (MG), 07 de maio de 2017, edição eletrônica. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/fiscalizacao-age-em-175-denuncias-de-poluicao-sonora/>>. Acessado em maio, 2017.

WERNECK, Thaís Resende. **Casa noturna em Cataguases**. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005. 68 p.

VIEIRA, Jair Lor. **Código de Hamurabi**: Lei das Xii Tábuas: Código de Manu. São Paulo, SP: Edipro, 2011.

www.archidaily.com.br. Acessado em junho, 2017.

Anexo

Autorização para uso e divulgação de informações prestadas em entrevista concedida pelo arquiteto Rogério Mascarenhas Aguiar, e autorizações para uso acadêmico de imagens.



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Anuência do participante da pesquisa, criança, adolescente ou legalmente incapaz).

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“sobre a arquitetura em casas noturnas e entretenimentos noturnos”**. Nesta pesquisa pretendemos **“abordar a história das casas noturnas, sua evolução ao longo do tempo e novidades e tendências do setor.**

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é **“melhor compreensão do tema para desenvolvimento do trabalho final de graduação do aluno João Filipe Dutra Alves”**

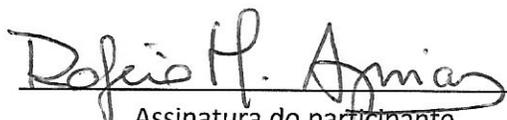
Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): **o convidado ficará livre para dialogar sobre o tema da forma que melhor lhe convir, sendo todo o processo gravado em mídia digital.**

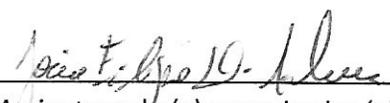
Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em **exposição da identidade do participante através de seu nome.** A pesquisa contribuirá para **melhor compreensão do tema e desenvolvimento do já citado trabalho final de graduação do aluno em questão.**

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, ROBÉLIO MASCARENHAS DUARTE ABVIAN, portador (a) do documento de Identidade MG - 4.297.798, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas *dúvidas*.

Juiz de Fora, 26 de Abril de 2017.


Assinatura do participante


Assinatura do (a) pesquisador (a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Nome do Pesquisador Responsável: João Filipe Dutra Alves

Endereço: Rua Morais e Castro, nº 842, apt 404, Bairro Alto dos Passos

CEP: 36025-160/Juiz de Fora – MG

Fone: (32)984840770

E-mail: joao.dutra@arquitetura.ufjf.br

TERMO DE PERMISSÃO DE USO DE IMAGENS

Eu Jomar Bragança, fotógrafo, inscrito sob o CPF 422.478.026-72, portador dos direitos das imagens a respeito da casa noturna Josefine Roxy, que podem ser encontradas no endereço eletrônico <http://www.archdaily.com.br/br/01-40176/josefine-roxy-fred-mafra>, permito o uso das fotografias pelo aluno João Filipe Dutra Alves, número de matrícula 201333024, apenas para fins acadêmicos, em seu trabalho de conclusão de curso pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Belo Horizonte, 22 de Maio de 2017

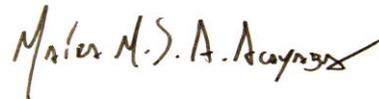
A handwritten signature in black ink, appearing to read 'J. Bragança', with a long horizontal flourish extending to the right.

Jomar Bragança

TERMO DE PERMISSÃO DE USO DE IMAGENS

Eu Maíra M.S.A.Acayaba, fotógrafa, inscrita sob o CPF de número 221.874.088-50 portadora dos direitos das imagens a respeito do Clube D-Edge, que podem ser encontradas no endereço eletrônico <http://www.archdaily.com.br/br/01-118597/d-edge-slash-muti-randolph-plus-marcelo-pontes-plus-zemel-plus-chalabi-arquitetos>, permito o uso das fotografias pelo aluno João Filipe Dutra Alves, número de matrícula 201333024, apenas para fins acadêmicos, em seu trabalho de conclusão de curso pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora.

23 de maio de 2017



assinatura do(a) concedente